

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - MESTRADO

JOSE VALDECI GRIGOLETO NETTO

ROMPIMENTOS DE VÍNCULOS AFETIVOS E O LUTO EM CASAIS
DE HOMENS GAYS

Maringá
2023

JOSE VALDECI GRIGOLETO NETTO

ROMPIMENTOS DE VÍNCULOS AFETIVOS E O LUTO EM CASAIS
DE HOMENS GAYS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade.

Orientador: Prof. Dr. Murilo dos Santos Moscheta

Maringá
2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

G857r

Grigoletto Netto, Jose Valdeci

Rompimento de vínculos afetivos e o luto em casais de homens gays / Jose Valdeci Grigoletto Netto. -- Maringá, PR, 2023.
97 f.: il. color., figs.

Orientador: Prof. Dr. Murilo dos Santos Moscheta.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2023.

1. Luto - Aspectos psicológicos. 2. Homossexualidade. 3. Ruptura de vínculos. 4. Relações sociais. 5. Heteronormatividade. I. Moscheta, Murilo dos Santos, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDD 23.ed. 150.195

JOSÉ VALDECI GRIGOLETO NETTO

Rompimentos de vínculos afetivos e o luto em casais de homens gays

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

COMISSÃO JULGADORA



Prof. Dr. Murilo dos Santos Mosqueta
PPI/Universidade Estadual de Maringá (Presidente)



Profa. Dra. Maria Helena Pereira Franco
PUC/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo



Profa. Dra. Adriana de Andrade Barin
PPI/Universidade Estadual de Maringá

Aprovado em: 30 de janeiro de 2023.

Defesa realizada na sala de vídeo do Bloco 118.

*Aos meus pais,
por serem minha base segura.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, *Roseli Bortolucci Grigoletto* e *José Siderval Grigoletto*, por sempre acreditarem em meus sonhos, me incentivando e me auxiliando, seja afetivamente ou financeiramente, mesmo não compreendendo e entendendo a construção acadêmica e seus caminhos. Vocês são minha base e, por mais que nestes últimos anos a distância geográfica entre nós se instalou, a proximidade de afeto e amor se intensificou.

À minha irmã *Francieli Grigoletto*, minha alma gêmea e sinônimo de conexão e ligação afetiva. Ser seu irmão sempre foi motivo de orgulho para mim, pois você, mesmo sem dar-se conta disso, representa resiliência, superação e enfrentamento.

Aos meus *amigos* e *amigas*, agradeço por não me abandonarem, estando sempre me ouvindo e me direcionando quanto aos obstáculos que surgiram no caminho, me incentivando e acreditando em mim. São tantas amizades importantes, mas para não correr o risco de cair na falácia do esquecer, elenco enquanto representantes: Giovana Kreuz, Aryane L. O. Matioli e Gabriel Gatto. Vocês sempre foram suporte não só acadêmico, mas também de afeto.

Agradeço ao Professor *Dr. Murilo dos Santos Moscheta*, meu orientador, pela confiança em meu trabalho e por aceitar realizar a conexão entre nossos temas de pesquisa que, mesmo distantes em um primeiro momento, conectaram-se de maneira potente e brilhante.

Aos *colegas do Grupo de Pesquisa em Sexualidade, Saúde e Política - DEVERSO* por todo o apoio, troca mútua e encorajamento. Vocês sempre foram incentivadoras/es para que eu continuasse minha pesquisa, em especial: Bárbara C. C. B. Brunini, Zara Gentil e Paulo Vitor P. Navasconi.

Toda minha gratidão aos meus *alunos* e *alunas* que durante esses anos me ouviram, sempre com os olhos brilhando, quando eu compartilhava a construção de minha pesquisa. Se eu busco aperfeiçoar minha prática em pesquisa é para que eu possa, também, oferecer um trabalho ético e responsável para vocês.

Agradeço, também, às professoras *Dra. Maria Helena Pereira Franco* e *Dra. Adriana Barin de Azevedo* por aceitarem participar da banca de qualificação e defesa de mestrado, contribuindo e enriquecendo meu trabalho com seus comentários sensíveis e cuidadosos.

Às minhas amigas que atuaram comigo na Psicologia Hospitalar, que tanto me ensinaram, acolheram e compartilharam conhecimentos e histórias de vida: *Aline Fernanda dos Reis Pereira Trazzi*, *Lorena Zanatta Quaglia* e *Luisa Gumiero Dias Gomes*. Nossa conexão, sem dúvidas, transpassou a esfera do profissional.

Ao *Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPI* da Universidade Estadual de Maringá, pelos cuidados e atenções burocráticas durante o percurso do mestrado, aqui representado pela secretária Wal.

Aos *Docentes do PPI*, por tantas trocas e aprendizagem durante os anos do mestrado, em especial: Dr. Eduardo Augusto Tomanik, Dra. Sonia Mari Shima Barroco, Dra. Lucia Cecilia da Silva e Dr. Marcos Leandro Klipan.

Ao Professor *Dr. Wiliam Siqueira Peres* da Unesp - Faculdade de Ciências e Letras "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de Assis, por me aceitar, no ano de 2021, em disciplinas enquanto aluno especial. Ter tido a possibilidade de estudar com você ampliou minha compreensão e leitura acerca dos temas das sexualidades e discussões de gêneros.

Aos *participantes da pesquisa*, pela coragem de revisitar seus lutos.

Grigoletto Netto, J. V. (2023) *Rompimentos de vínculos afetivos e o luto em casais de homens gays*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, Brasil.

RESUMO

O luto é um processo caracterizado pela ruptura de um vínculo afetivo e que não necessariamente está conectado com a morte concreta de um corpo. Pensar no rompimento de laços e relações em vida pode ser considerado como uma perda simbólica e que, por isso, tende a causar diversas respostas subjetivas e individuais nas pessoas, que se relacionam diretamente com os espaços sociais nos quais tais sujeitos enlutados encontram-se inseridos. Neste caminho, tencionar reflexões acerca da ruptura de relações afetivas entre homens que se consideram homossexuais cisgêneros e seus efeitos em sociedades heteronormativas é o objetivo central desta pesquisa. Para tanto, nos embasamos em referenciais teóricos que exploram a temática do luto e também em estudos sobre a diversidade sexual e de gênero, com ênfase em produções teóricas que discorrem sobre os efeitos sociais desta ruptura com uma visão para além do frequentemente proposto, ou seja, buscou-se ampliar a compreensão do luto para uma categoria ético-política e socialmente atravessada. Enquanto método, este estudo contou com uma pesquisa de campo pautada no método qualitativo, com a realização de entrevistas com homens gays que vivenciaram uma ruptura de ordem afetivo-sexual. Assim, após prévia aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética e pela divulgação da proposta nas redes sociais, foram realizadas seis entrevistas, tanto na modalidade presencial quanto online, conforme preferência de cada participante. Os encontros aconteceram individualmente, sendo explorados pontos como: enfrentamento, existência ou não de redes de apoio, efeitos subjetivos da separação em si e possibilidade de se ter ou não seu luto socialmente reconhecido e validado. Após a realização dos encontros, transcrição e leitura, foi elaborada uma narrativa que agrega e apresenta os conteúdos de cada entrevista. Cada narrativa dá expressão a uma particularidade no modo de viver o luto conforme o relato dos entrevistados. Por essas narrativas, podemos compreender que existem fatores que levam os sujeitos que não se enquadram em normas heteronormativas a viverem experiências de luto de forma isolada, sem contar com redes de apoio e acolhimento. No entanto, também podemos encontrar nas narrativas o esforço dos participantes em construir trajetórias singulares que utilizam da experiência do luto como oportunidade de reinvenção da vida.

Palavras-chave: Luto. Homossexualidade. Separação. Heteronormatividade.

Grigoletto Netto, J. V. (2023). *Rupture of affective bonds and grief in gay men's couples*. Master's dissertation, Psychology Postgraduate Program, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, Brazil.

ABSTRACT

Grief is a process characterized by the rupture of an affective bond and which is not necessarily connected with the concrete death of a body. Thinking about breaking ties and relationships in life can be considered as a loss experienced and, therefore, tends to cause different subjective and individual responses in people, which are directly related to the social spaces in which such bereaved subjects find themselves. In this way, intending reflections on the rupture of affective relationships between men's who consider themselves cisgender homosexuals and their effects in heteronormative societies is the central objective of this research. For that, we are based on theoretical references that explore the theme of grief and also on studies on sexual and gender diversity, with emphasis on theoretical productions that discuss the social effects of this rupture with a view beyond the common pattern, that is, we sought to broaden the understanding of grief to an ethical-political and socially crossed category. As a method, this study circumvents a field research based on the qualitative method, with interviews of gay men's who experienced an affective-sexual rupture. Thus, after prior approval of the research by the Ethics Committee and the dissemination of the proposal on social networks, six interviews were carried out, in person and online, according to the preference of each participant. The meetings took place individually, exploring points such as: coping, existence or not of support networks, subjective effects of the separation itself and the possibility of having or not having their grief socially recognized and validated. After the conclusion of the meetings, transcription and reading, a narrative was elaborated that aggregates and presents the contents of each interview. Each narrative gives expression to a particularity in the way of experiencing grief according to the report of what was learned. From these narratives, we can understand that there are factors that lead subjects who do not fit into heteronormative norms to experience grief in isolation, without relying on support and shelter networks. However, we can also find in the narratives the effort of the participants to build unique trajectories that use the experience of grief as an opportunity to reinvent life.

Key-words: Grief. Homosexuality. Separation. Heteronormativity.

*[...] Porque eu fazia do amor um cálculo matemático errado:
pensava que, somando as compreensões, eu amava.
Não sabia que, somando as incompreensões,
é que se ama verdadeiramente.
Porque eu, só por ter tido carinho,
pensei que amar é fácil.*

Clarice Lispector
(Todos os Contos. Rio de Janeiro: Rocco, 2016, p.405).

SUMÁRIO

REPENSANDO UMA TRAJETÓRIA	12
PARTE 1	15
CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	15
1. SEXUALIDADE(S): UM DISPOSITIVO EM CONSTANTE MOVIMENTO	16
1.1 O dispositivo da sexualidade: algumas considerações	16
1.2 Biopoder, biopolítica e a disciplinarização dos corpos	18
1.3 Enlaces políticos com relação a conjugalidade homoafetiva	22
2. ROMPIMENTOS DE VÍNCULOS	27
2.1 O luto como reação aos rompimentos dos vínculos afetivos	27
2.2 Luto não reconhecido	29
2.3 O luto ancorado nos estudos de Judith Butler	32
3. O ESTADO DA ARTE DAS PESQUISAS SOBRE HOMOSSEXUALIDADE E LUTO	37
PARTE 2	41
O CAMPO DE ESTUDO	41
1. PESQUISA COM PESSOAS ENLUTADAS	42
2. METODOLOGIA: PREPARANDO O CAMPO DE ESTUDO	44
2.1 Objetivos	44
2.1.1 Objetivo geral	44
2.1.2 Objetivos específicos	44
2.2 Instrumentos	45
2.3 Participantes	45
2.3.1 Critérios de inclusão	45
2.3.2 Critérios de exclusão	46
2.4 Procedimentos	46
2.4.1 O Primeiro momento	46
2.4.2 O Segundo momento	47
2.5 Organização dos materiais	47
PARTE 3	49
AS NARRATIVAS	49
3.1 Olímpico	50
3.2 Rodrigo	54
3.3 Ulisses	58
3.4 Alfredo	61
3.5 Otávio	64

3.6 Daniel	68
PARTE 4	72
OUTRA ERA A VEZ:	72
TRAJETÓRIAS QUE NÃO SE FINDAM	72
REFERÊNCIAS	83

Apêndice I - TCLE

Apêndice II - Roteiro das entrevistas

Anexo I - Parecer substanciado do CEP

REPENSANDO UMA TRAJETÓRIA

*[...] Os objetos só têm sentido quanto tem sentido, fora disso...
Eles precisam ser olhados, manuseados. Como nós.
Se ninguém me ama, viro uma coisa ainda mais triste do que essas,
porque ando, falo, indo e vindo como uma sombra, vazio, vazio.
É o peso de papel sem papel, o cinzeiro sem cinza,
o anjo sem anjo, fico aquela adaga ali fora do peito.
Para que serve uma adaga fora do peito?*

Lygia Fagundes Telles
(Antes do baile verde: contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.13).

Há alguns anos, ao apresentar pela primeira vez um projeto ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, um dos comentários que recebi da banca avaliadora foi em relação à minha ausência no corpo do texto, isto é, faltava eu nas linhas do projeto, minhas marcas, minha história, o “Zeca”.

Hoje, penso que essa ausência de mim estava ligada ao meu costume, até então, de pensar ciência baseado nos moldes da ciência moderna, focado na preocupação em assumir uma posição de total neutralidade em relação à pesquisa, escrevendo sempre na terceira pessoa, na impessoalidade. Assim, dentre os apontamentos que ouvi no dia da entrevista, esse foi o que permaneceu e me causou um processo de reflexão e quando decidi pesquisar o presente tema (que também não foi aleatório), busquei responder três questões centrais: **Por que este tema? Por que pesquisar sobre a experiência da separação em casais de homens homossexuais? A quem viso atingir?**

A partir dessa reflexão, vejo que minhas inquietações e perguntas estão diretamente relacionadas às minhas vivências e refletem parte da minha contínua caminhada. Ainda, percebi que o meu afastamento do projeto estava relacionado ao meu medo de mostrar minha identidade e isso pode estar ligado, também, com os inúmeros preconceitos e discriminações que as orientações sexuais diversas à heterossexualidade vivenciam.

Pensando nas questões “Por que este tema?” e “Por que pesquisar sobre a experiência da separação em casais de homens homossexuais?” penso que isso se deva ao fato de que eu, homem, branco, homossexual cisgênero, filho mais novo de uma família composta por um homem e uma mulher heterossexuais, que cresci em uma pequena cidade do interior, vivi

algumas relações afetivas que marcaram significativamente minha forma de encarar as relações afetivas e, principalmente, o término delas.

Primeiro, durante o período de graduação em Psicologia tive o meu primeiro relacionamento, com um homem, que durou aproximadamente 03 meses; quando o relacionamento terminou sofri, vivenciei meu luto, já que as minhas expectativas de uma relação duradoura eram (muito) grandes. Naquele momento, pude contar com alguns amigos e amigas, principalmente homossexuais, em meu trabalho de luto.

Segundo, um ano depois tive um novo relacionamento. Em uma de nossas brigas, que inclusive ocasionaram em um término, vivenciei uma crise que me fez “assumir” à minha família minha orientação sexual. Era a hora de sair do armário. No dia em que decidi me abrir com minha mãe, tive o privilégio de receber apoio e compreensão. Ainda, o mais importante, foi poder compartilhar a dor da separação que eu estava vivendo. Durante os “términos” que aconteceram com este companheiro, até o último e definitivo, sempre pude contar com o apoio familiar, de amigos e colegas de trabalho para o amparo nos momentos de intensa angústia e sofrimento que me assolaram.

Também, entre as razões e interesses que me levaram a trabalhar com o luto e questões de gênero, hoje entendo que busquei pesquisar este tema a fim de servir como elaboração para meu próprio luto que, eu já podia sentir, logo iria vivenciar. Era, sem dúvidas, o fruto de muitas sessões de terapia evidenciando meus recursos internos para lidar com mudanças e transições já avistáveis. Inclusive, desenvolvi, em momento anterior, um breve estudo (Grigoletto Netto, 2021) que hoje encaro enquanto preliminar e que buscava, sorrateiramente, algumas aproximações com a pesquisa que aqui amplio.

Neste momento, acredito ser válido pontuar, pude contar com a literatura enquanto recurso grandemente significativo e sensível em meu trabalho de luto, quando escrevi e publiquei um livro de poemas (Grigoletto, 2020) que versam sobre meu luto, o atravessamento de meu *corre-dor* e a avalanche de transformações, transições e busca de ressignificações que pude experienciar.

E, para responder a terceira pergunta, “a quem eu visio atingir?” uso da justificativa de Moscheta (2004) que pesquisou acerca da construção da intimidade conjugal de homens homossexuais, em que neste trabalho acrescento a importância de pesquisarmos o fim destas relações, ou seja, o luto pelo rompimento de um vínculo afetivo, visto que o processo de luto tende a ocasionar significativas alterações no âmbito emocional e, inclusive, social dos sujeitos enlutados.

Desta forma, busquei possibilitar o alcance de referências para que os profissionais que lidam com essa população possam desenvolver uma prática adequada às suas necessidades, tanto no contexto clínico, em psicoterapia, quanto no contexto social, quer seja na comunidade, na família e também no ambiente de trabalho, para um correto acolhimento que não ocasione maiores sofrimentos e/ou impactos emocionais, levando em consideração as especificidades e particulares existentes nas pessoas.

Por fim, em relação ao processo de construção dessa dissertação, em uma conversa com Murilo, em um de meus momentos de bloqueio de escrita, ele me disse o quanto o processo de escrever é difícil, principalmente quando nos propomos a escrever sobre o que nos toca e nos mobiliza. Isso me tranquilizou, pois percebi que não era um fato exclusivo comigo. No meu caso, escrever sobre o término de uma relação afetiva é desafiador e, exatamente por isso, me propus a falar sobre o amor, sobre os vínculos construídos, os laços, e não apenas falar da dor, da tristeza, da saudade.

Creio ser importante dizer que durante a escrita desta dissertação outros termos difíceis e dolorosos aconteceram. Eu, enquanto pesquisador do luto, sou um ser humano como qualquer outro e sofro meu desamparo e choro pela saudade; oscilo entre o desejo de retornar ao que foi perdido e de recomeçar com o novo. Lamento pelos planos, pelos “e se...”, lamento pelo que não aconteceu, por meus planos e expectativas terem falhado.

No entanto, me amparo na expectativa e no desejo de que o que vem pela frente poderá ser melhor do que os ventos que já passaram, mas não negando a beleza e intensidade do que já se foi. E, a partir disso, sigo meu caminho acreditando no amor. Para encerrar essa breve apresentação, compartilho com a crença de bell hooks (2020) quando diz que nas cozinhas de suas casas sempre manteve fotografias de um grafite com a seguinte frase: “a busca pelo amor continua, mesmo diante das improbabilidades”. Buscar do verbo mover, continuar, experimentar.

Sim, hooks, eu também continuo a buscar.

PARTE 1

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Aviso

*Se me quiseres amar,
terá de ser agora: depois
estarei cansada.*

*Minha vida foi feita de parceria com a morte:
pertencço um pouco a cada uma,
pra mim sobrou quase nada.*

*Ponho a máscara do dia,
um rosto cômodo e simples,
e assim garanto a minha sobrevivida.*

*Se me quiseres amar,
terá de ser hoje:
amanhã estarei mudada.*

Lya Luft

(Para não dizer adeus. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 39).

1. SEXUALIDADE(S): UM DISPOSITIVO EM CONSTANTE MOVIMENTO

1.1 O dispositivo da sexualidade: algumas considerações

Para discorrermos sobre as homossexualidades, objeto principal de discussão deste trabalho, não se faz, obrigatoriamente, necessário que seja traçada uma linha cronológica acerca dos períodos históricos que demarcaram seus avanços e, inclusive, retrocessos. Todavia, faz-se conveniente, neste momento, tencionarmos alguns pontos relativos à história da sexualidade para que possamos compreender as relações de poder que atravessaram (e continuam atravessando) a vida dos sujeitos.

Isso porque, como pontua Louro (2004), as sociedades em diferentes épocas buscam estabelecer divisões binárias entre masculino e feminino, no qual tais corpos tendem a serem concebidos de maneiras distintas e a trazerem consigo traços e marcas divergentes, modificando-se segundo sua história e cultura.

É imprescindível sinalizar que para Foucault (2020) os séculos XIX e XX foram determinantes como a época da disseminação das sexualidades, ou seja, foi a época da implantação das chamadas “perversões” e, com isso, a heterossexualidade passou a assumir atribuição de norma. Destaca-se que, até então, já havia sido “estipulada” uma certa ordem do desenvolvimento sexual que ia da infância à velhice, sendo todos os possíveis desvios cuidadosamente catalogados e controlados.

Se hoje observamos certo tabu em relação a alguns temas que cercam as sexualidades, principalmente as consideradas “desviantes”, Foucault (2020) sinaliza que os fatos nem sempre se deram de tal maneira. No início do século XVII, por exemplo, não havia receio ao se falar sobre sexo: as palavras eram ditas sem acanhamento, as práticas não buscavam, de maneira alguma, a discrição. Não havia disfarce.

Contudo, a partir do século XIX há uma significativa mudança na lida com a sexualidade, encerrando-se, pois, como algo antes liberto, movendo-se enquanto foco único da reprodução e, por isso, seu lugar passa a ser o quarto dos pais, local este que guarda a intimidade conjugal e familiar, centro da procriação e, logo, do segredo. Instaura-se a interdição frente ao tema do sexo. O sexo é renegado ao silêncio, ao interdito, fruto da repressão. Logo, se há o silenciamento de certos discursos, é esperado que não haja nada para ser dito, visto e, inclusive, nada para saber (Foucault, 2020).

Insolitamente é aí que Foucault (2020) nos atrai a pensar não necessariamente o que dizer em relação ao sexo, bem como afirmar sua importância ou seus efeitos, mas sim evocar “[...] quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz, em suma [...] a “colocação do sexo em discurso”. (Foucault, 2020, p.16).

Desta forma, Foucault (2014) estabelece o discurso como sendo “a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos” (Foucault, 2014, p. 46), ou seja, o discurso que foi produzido chega até nós de maneira na qual tenha passado, de antemão, por certo filtro, em que sua Verdade, com v maiúsculo, faz-se anulada, modificada e, muitas vezes, silenciada.

Nesta lógica, pensemos o sexo (e a sexualidade) enquanto um dispositivo que é atravessado por discursos absolutos e velados. Assim, esse dispositivo passa a ser administrado, gerido, ou seja, ele passa a ser tomado enquanto algo possível de regulação, fazendo-o funcionar segundo um padrão determinado (Foucault, 2020).

Podemos recorrer ao conceito de dispositivo, a fim de que sua compreensão se faça possível. Deleuze (1990), ao indagar sobre o que vem a ser um dispositivo, afirma que ele

É antes de mais nada um emaranhado, um conjunto multilinear. Ele é composto de linhas de natureza diferente. E estas linhas do dispositivo não cercam ou não delimitam sistemas homogêneos, o objeto, o sujeito, a língua, etc., mas seguem direções, traçam processos sempre em desequilíbrio, às vezes se aproximavam, às vezes se afastam umas das outras (Deleuze, 1990, p.155).

Além do mais, os dispositivos possuem a capacidade de, além de fazer ver e fazer falar, silenciar determinados discursos, pois carregam atributos de enunciação e linhas de forças (Deleuze, 1990). Nesta mesma perspectiva, Foucault (2020) pontua que é preciso compreender e identificar quais pessoas são autorizadas a falar acerca de determinado assunto, bem como as pessoas que não o são. Assim, os silenciamentos passam a ser partes integrantes neste jogo de controle e silenciamentos.

Para Foucault (2020) é possível considerar a sexualidade enquanto um dispositivo histórico que leva em consideração certo número de estratégias de saber e poder. Sobre o conceito de dispositivo relacionado ao sexo e às relações, podemos apreender, no pensamento foucaultiano, duas concepções: a primeira, a um *dispositivo de aliança*, ligado à ideia do sistema de matrimônio, da conjugalidade, do compartilhamento de nomes e bens. Oposto a esse, temos o *dispositivo da sexualidade*, que toma força a partir do século XVIII, com o deslocamento, e não a substituição, da importância social que lhe era atribuída.

Diga-se oposto pois, mesmo que ainda haja conexão com os/as parceiros/as sexuais, como elencado, “[...] o dispositivo de sexualidade funciona de acordo com técnicas móveis, polimorfos e conjunturais de poder” (Foucault, 2020, p. 116). Aqui, há maior preocupação com as sensações provocadas no (e pelo) corpo, o prazer. O corpo, logo, passa a ser aquele que busca não a reprodução, mas sim a inovação, o desejo, a penetração nos (e dos) corpos.

Nessa direção, somos provocados a pensar como os discursos relacionados ao sexo atravessam os indivíduos em suas singularidades, atingindo-os de maneira na qual desejam e, inclusive, controlam seus prazeres cotidianos, “[...] tudo isso com efeitos que podem ser de recusa, bloqueio, desqualificação, mas também de incitação, de intensificação, em suma, “as técnicas polimorfos do poder” (Foucault, 2014, p. 17).

Assim, podemos considerar que com tais dispositivos, o controle que é exercido nos corpos instala marcas *no corpo em si*. Como questiona Louro (2004) é interessante pensar: em qual local tais marcas estão inscritas? O que elas têm a dizer? São marcas físicas e, portanto, visíveis? Há possibilidade de que haja corpos não marcados/atravessados?

Partindo dessas inquietações, faz-se importante que compreendamos, a partir dos estudos foucaultianos, os conceitos de biopoder e como ele se manifesta através da criação de uma biopolítica e de uma disciplinarização dos corpos.

1.2 Biopoder, biopolítica e a disciplinarização dos corpos

Ao discorrermos a respeito desses controles e das análises políticas do poder, estamos nos referindo às representações que se ligam, por exemplo, à instância da regra. Nesse entendimento, o poder é o que determina a lei, ficando o sexo a ele restrito: é o poder que determina, de maneira binária, o que é lícito e ilícito. Também, irrompe o ciclo da interdição, em que o poder tende a oprimir o sexo, impedindo o toque, o prazer, acarretando em uma lei de proibição que, claro, tende a continuar acontecendo em segredo, na clandestinidade (Foucault, 2020).

Foucault (2020) visando evitar possíveis mal-entendidos, busca, de maneira acurada, apresentar o conceito de poder que utiliza em seus estudos. Para o autor, poder não é compreendido como o “[...] conjunto de instituições e aparelhos garantidores da sujeição dos cidadãos em um Estado determinado” (Foucault, 2020, p.100), ao contrário, o poder é considerado enquanto um

[...] jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes, as transforma [as forças], reforça, inverte; os apoios que tais correlações [e] forças encontram umas nas outras,

formando cadeias ou sistemas, ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais (Foucault, 2020, p.100).

Em suma, o poder é móvel, não é estático. O poder é permeado nas relações, se dá em situações específicas, em certos jogos e acordos, originados nas desigualdades que, justamente, induzem diferentes estados de organização (Foucault, 2020). Ainda, o poder é exercido em diferentes pontos e em diversas relações que são, em essência, desiguais, levando-se em consideração que todo poder passa a ser exercido a partir de um determinado objetivo a ser alcançado, ou seja, há um alvo específico.

Louro (1997), nesta direção, sinaliza que o poder exercido passa a ter efeitos sobre suas ações. Diante disso, destaca a importância do exercício do poder, que passa a se constituir por diferentes tipos de manobras e técnicas, por exemplo, que podem vir a ser resistidas e também contestadas, além de transformadas ou aceitas.

Sobre a ideia de falar e, enquanto resultado, o surgimento de novos discursos, Foucault (2014) lança a questão: o que se produz de tão nocivo nos discursos e em sua possível proliferação? É nesse caminho que o autor nos relata os procedimentos de exclusão, com ênfase à interdição, que rodeiam nossa sociedade ocidental. Compreende-se, pois, a interdição enquanto a impossibilidade de falar tudo em todos os lugares, de não se ter o direito de ser o enunciador acerca de determinado assunto, isto é, não se pode falar de qualquer assunto em qualquer conjuntura.

Não apenas, o autor enuncia que é fato que dentre tais interdições se encontra, com maior afinco, o tema da sexualidade e da política, isso pois os efeitos dos discursos tendem a desvelar as interdições que os atingem, revelando, dessa forma, a relação entre desejo e poder.

Há ainda outro princípio, segundo Foucault (2014), que tende a limitar e a cercar os discursos: as “disciplinas”, podendo estas serem compreendidas não como sendo a junção dos discursos que podem ser enunciados acerca de determinado fenômeno e nem aquilo que pode ser aceito sobre determinada pauta, mas sim enquanto um princípio que tende a controlar a produção dos discursos, com uma constante atualização das regras do “jogo”, nos sujeitando a uma “polícia” discursiva, que nos limita, atravessa e molda. Ainda sobre os discursos, podemos destacar que

[...] ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas

[...] enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala (Foucault, 2014, p. 35).

À vista disso, podemos compreender o conceito de biopoder apresentado por Foucault (2020) e constatar como houve um intenso investimento político que visava (e, não obstante, ainda visa) o controle dos corpos dos sujeitos.

Para o autor, a partir do século XVII duas formas de controle sobre a vida começaram a tomar força. De um lado, temos um esforço para a captura do corpo enquanto máquina, isto é, no aprimoramento de suas aptidões, com foco na força física, interligado com *disciplinas* de ordem anátomo-políticas do corpo humano - visando, é claro, a usurpação da força dita “braçal”. Do outro lado, mas não de maneira oposta e sim complementar, temos a *biopolítica* da população, que aspirava uma série de intervenções e controles reguladores da população.

Como Foucault (2020) acentua, a biopolítica da população leva em consideração “[...] a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar;” (p. 150), ou seja, os corpos passam a serem sujeitados (e não mais sujeitos) de um poder que os controlam, logo, que controlam suas maneiras de existir e viver, tendo como foco a população e não o sujeito em si, voltando-se para o controle das massas em que, em termos de utilidade, os sujeitos passam a ser fantoches para que se alcance a população no todo.

A sexualidade, nesse entremeio, a partir do século XIX passa a ser esmiuçada de maneira integral, em que cada esfera deve ser detalhada. Ela foi, não obstante “[...] desencavada nas condutas, perseguida nos sonhos, suspeitada por trás das mínimas loucuras, seguida até os primeiros anos da infância (Foucault, 2020, p. 158). Em outras palavras, o autor cita que a sexualidade passa a se intensificar no discurso político, que visava, dentre outros aspectos, trazer à tona intervenções, também de ordem econômica, alternando entre aspectos biológicos, que iam do controle populacional até a regulação das populações.

Dentre tais formas de controle, o poder médico também exerceu papel de destaque na classificação e marcação dos corpos. A partir do século XIX os médicos, com seu status de autoridade, passam a ditar o que era a “verdade” acerca dos homens e das mulheres. Evidente que tais verdades e definições eram concebidas a partir do olhar do masculino, em que homens médicos passaram a determinar a sexualidade da mulher, por exemplo, enquanto algo perigoso, ambíguo. Neste período, então, há a obsessão em classificar, dividir, disciplinar as sexualidades. Os discursos produzidos passam a ser carregados de autoridade em nome da ciência (Louro, 2004).

No entanto, tende a existir uma contrarresposta a este movimento, ou seja, certa resistência por alguns grupos e sociedades em “adentrarem” ao que era classificado e definido. É como destaca Louro (2004) ao dizer que

Mesmo que existam regras, que se tracem planos e sejam criadas estratégias e técnicas, haverá aqueles e aquelas que rompem as regras e transgridem os arranjos. [...] Ainda que sejam tomadas todas as precauções, não há como impedir que alguns se atrevam a subverter as normas. Esses se tornarão, então, os alvos preferenciais das pedagogias corretivas e das ações de recuperação ou punição. Para eles e para elas a sociedade reservará penalidades, sanções, reformas e exclusões (Louro, 2004, p. 16).

Essas precauções, conforme a autora, se refere a todo um arsenal de instrumentos e mecanismos que as famílias, as escolas, as igrejas e toda a sociedade empregam visando reafirmar as normas até então estabelecidas. É preciso, portanto, que haja a permanência da norma e que sua solidez seja reiterada de maneira contínua. Logo, as pessoas que transgridem ao que é imposto e não obedecem às categorias e classificações vigentes, passam a ser marcadas como desviantes e diferentes.

A norma dos corpos é construída a partir de fatores que determinam o que é “normal” e, por consequência, o que foge à normalidade. Tais produções se dão através de uma série de gestos e atitudes estabelecidas de maneira hegemônica pela sociedade (Louro, 2004). Logo, a partir da construção da sexualidade enquanto recurso de controle e poder, a sexualidade tida como esperada e correta é a heterossexual. Em consequência, tudo o que foge ao ansiado é visto como aberração e anormal; neste caso, pontuamos a(s) homossexualidade(s) enquanto um exemplo concreto de desvio à tal normalidade.

Desta maneira, após tencionarmos os pontos acima apresentados, podemos questionar: qual a função a implantação da imagem da família nuclear, isto é, heterossexual, fruto de um matrimônio, em nosso imaginário? Como vimos, as transformações sociais não são naturais, mas sim construídas ancoradas em interesses que irão favorecer determinadas parcelas da população que detêm o poder, excluindo e desvalidando outras formas de ser e viver. Logo, essa orientação é política. Destaca-se, todavia, que essas construções são imbuídas em nosso imaginário de maneira cautelosa, paulatinamente, a fim de que sua inserção venha a ser considerada enquanto natural ou, até mesmo, imperceptível.

1.3 Enlaces políticos com relação a conjugalidade homoafetiva

Discutir quanto à construção das relações homoafetivas leva em consideração alguns aspectos particulares pertinentes de serem, aqui, apresentados. A partir dos discursos heteronormativos que colocam a heterossexualidade enquanto orientação sexual “correta” e “normal”, como vimos através dos dispositivos reguladores da sexualidade, ousar desviar deste caminho passa a ser um desafio.

Moscheta (2004) destaca que a noção social das categorias heterossexualidade e homossexualidade não são de ordem despreziosa, mas sim construções históricas e culturais, resultados de intensos conjuntos de poderes reguladores. Logo, é possível pensar na construção das categorias que chamamos de *família* e *conjugalidade* enquanto possuindo como objetivo definir contornos e determinar uma norma.

Em relação à compreensão de família, é preciso levar em consideração que através dos tempos a maneira como a percebemos sofreu diferentes transformações, tendo sempre como foco suprir o interesse de certa parcela da sociedade (Melo & Perpétuo, 2017), pois

Reproduzimos e/ou damos novos significados para o conceito família a partir da legitimação dos discursos de quem fala sobre a mesma, discursos que se fazem presentes nos espaços e instituições nas quais circulamos em nossas relações cotidianas. Estes significados sofrem inúmeros atravessamentos que são agenciados nos encontros, a partir dos quais produzimos sentidos sobre a família. (p. 279).

Constata-se, de acordo com Costa (1979), que a família vem sendo alvo de intervenções externas, isto é, de pessoas, grupos e outras instituições que não pertençam ao espaço privado da família, com o objetivo de regular e produzir uma norma familiar que vá ao encontro à uma disciplinaridade higiênica e, logo, burguesa. A família, no século XIX, foi submetida à intervenção da medicina social, com o argumento de “salvar” os indivíduos, movimento este que proporcionou que a higiene adentrasse na intimidade das famílias, já que

[...] a vida privada dos indivíduos foi atrelada ao destino político de uma determinada classe social, a burguesia, de duas maneiras [...] Por um lado, o corpo, o sexo e os sentimentos conjugais, parentais e filiais passaram a ser programadamente usados como instrumento de dominação política e sinais de diferenciação social daquela classe. Por outro lado, a ética que ordena o convívio social burguês modelou o convívio familiar, reproduzindo, no interior das casas, os conflitos e antagonismos de classe existentes na sociedade. (Costa, 1979, p. 13).

Ainda segundo o autor supracitado, com a ascensão da higiene, a educação foi alvo de intensos atravessamentos, como é o caso da educação sexual, por exemplo, em que o foco, neste período, era formar homens e mulheres para a reprodução e manutenção da raça. Esta

educação sexual, no entanto, resultou em uma epidemia de repressão sexual no seio intrafamiliar, em que os homens passaram a oprimir as mulheres, os adultos tendiam a reagir ferozmente à masturbação infantil e, inclusive, os heterossexuais reprimiam os homossexuais. Vê-se que, neste momento, o sexo enquanto um dispositivo dotado de respeito e de poder. Assim, como consequência desta construção social, as pessoas passam a utilizá-lo enquanto um instrumento de prestígio, vingança e, também, de punição.

Neste mesmo caminho, Moscheta (2004) assinala que, na atualidade, os padrões heteronormativos que levam em conta a monogamia e a procriação, ainda são tidos como norma nos relacionamentos, mesmo com a imensa variedade de configurações familiares em curso. Como efeito, “[...] esta norma é o eixo a partir do qual pensamos e (des)qualificamos nossas relações afetivas e sexuais” (Moscheta, 2004, p. 26).

[...] a norma familiar produzida pela ordem médica solicita de forma constante a presença de intervenções disciplinares por parte dos agentes de normalização. [...] Em outros termos, as famílias se desestruturaram por terem seguido à risca as normas de saúde e equilíbrio que lhes foram impostas (Costa, 1979, p. 15).

Desta forma, a família tida enquanto nuclear, ou seja, a família composta pelo pai, a mãe e seus filhos permanece no imaginário popular como sendo a ideal, saudável e, por isso, modelo a ser seguido. Tal modelo sofre afetações e atravessamentos que possibilitam a origem de expectativas e crenças de que esse modelo de família é o que trará segurança para seus membros (Melo & Perpétuo, 2017).

Considerando a família, é fundamental nos atentarmos para a conjugalidade e seus atributos. Segundo Costa (1979) no período colonial, o matrimônio, enquanto contrato conjugal, se dava a partir de interesses econômicos familiares, em que motivos de cunho afetivos não costumavam ser levados em consideração na união conjugal. Ao contrário, o casamento mostrava-se enquanto uma decisão unilateral que partia do responsável, empunhando ao dependente a obrigatoriedade ao casamento. Com isso constata-se que o casamento não representava o reconhecimento de uma relação permeada pelo amor enquanto uma premissa basal: a atração e os sentimentos em nada importava na composição da aliança.

Ademais, não era apenas a questão econômica motivo de preocupação para o casamento e que deveria ser dominante frente à sentimentalidade. Havia outros interesses sociais e, inclusive, de preconceitos raciais que entravam em jogo. Desta maneira, era comum que as famílias de elite realizassem casamento entre parentes próximos ou distantes, fazendo com que possíveis escolhas conjugais baseadas no amor não se concretizassem, o que poderia colocar

em risco a ordem da raça e posição social da família. Também, a religião não incentivava as uniões conjugais baseadas no amor, pois, segundo o catolicismo, isso retiraria e roubaria de Deus toda a devoção exclusiva que se fazia necessária. Esta maneira de encarar o casamento perdeu força no século XIX, sendo substituída por razões higienistas que revisou e criou novas regras ao casamento, em que, a partir de então, deveria se preocupar com a criação dos filhos, sendo este o compromisso familiar que se sobreporia à defesa da propriedade (Costa, 1979).

Retomando o tópico do amor, ainda segundo o autor, podemos constatar que os dispositivos de controle exerciam grande importância na maneira que este era construído, sua manutenção e formas de ser exercido. Ainda, os poderes médicos chegaram a lutar contra o patriarcado no sentido de incentivar casamentos entre homens pobres com mulheres ricas, desde que possuíssem características físicas, morais e intelectuais significativas. Com o passar dos tempos,

O ponto culminante da união conjugal era o amor. Mas, ao contrário do amor romântico, o amor higiênico era pragmático. Reclamava seus vínculos com a sexualidade e a procriação. A cumplicidade com o romantismo sentimental tinha limites. Sem sexo, o amor era <<delírio>>. Só através do sexo ele se adaptava à realidade, inserindo-se maduramente na política de conservação biológica e moral da espécie. (Costa, 1979, p. 231).

No entanto, com a abertura da possibilidade dos casamentos entre pessoas que se amavam, uma responsabilização se fazia presente quando a união conjugal não ia bem e, por consequência, se rompia. Como o casamento possuía como pressuposto a escolha individual, toda a responsabilidade pela relação cabia a ele; com o rompimento, o sujeito sentia-se culpado e tendia a sofrer a reprovação social frente à traição das expectativas amorosas, inclusive, do parceiro (Costa, 1979).

Até este momento, realizamos a apresentação de alguns dados históricos acerca da construção da instituição familiar e da conjugalidade heterossexual. No entanto, podemos questionar: qual o lugar do homossexual neste cenário? Aliás, antes podemos nos perguntar: será que havia um local para as expressões da homossexualidade? Como o poder médico e higienista compreendia e lidava com esta problemática?

Na concepção higienista, o homem que não exercia o papel social de homem-pai, isto é, que não reforçava o local de provedor da casa e que não ressaltava sua masculinidade, tendia a ocupar três posições: libertinos, celibatários ou homossexuais. Os médicos higienistas apresentavam-os enquanto pessoas com seres abomináveis e irresponsáveis. Não obstante, “[...] também eram mostrados como suicidas e homicidas; como assassinos do próprio corpo e

assassinos do bem-estar biológico-social.” (Costa, 1979, p. 240). Desta maneira, podemos constatar, frente às inúmeras táticas utilizadas para silenciar e não incentivar a homossexualidade, como a medicalização, violência, punições, que o objetivo era fixar a imagem do homem à paternidade, isto é, à noção do homem enquanto o “macho”, passando a ocupar uma posição de poder.

Assim, podemos pensar sobre a construção de nossas relações afetivas e sexuais e, acima de tudo, a construção do amor conjugal como a liga necessária para o estabelecimento da instituição familiar, partindo, deste ponto, com algumas breves reflexões oportunas: Por que os discursos do amor penetram, como vimos, de maneira tão intensa na vida das pessoas? Por que tememos perdê-lo? E ainda, como nós, homossexuais, somos atingidos por tais discursos?

Amor pode ser compreendido de maneira ampla, múltipla, subjetiva. Podemos falar do amor fraterno, amor romântico, amor à vida, amor aos pais, amor a si mesmo, amor... amor... amor. Buscar reduzir e apresentar o amor enquanto um simples conceito é um tanto reducionista e, quiçá, impossível, mas uma coisa é (quase) certa: o amor faz parte de nossa vida; vínculos de afeto são criados, relações são estabelecidas. É neste caminho que podemos dizer que “O amor tem muitos componentes, mas aquele considerado indispensável é o compromisso. Amor é o laço psicológico que vincula uma pessoa a outra.” (Parkes, 2009, p. 12).

Moscheta (2017) menciona que a todo momento estamos rodeados pela ideia (e pelo ideal) do amor romântico, dos casais (heterossexuais, é claro): nas telenovelas, nas mídias, nas músicas. Logo, o amor está por todo lado, seu consumo tornou-se compulsório e somos capturados por suas narrativas que o colocam como pertencendo a ordem natural, isto é, relacionado aos aspectos biológicos, psicológicos e sociais. A ideia de amar e ser amado, buscar uma pessoa que “nos completará” perpassa o imaginário social, em que,

Diz-se que não era verdadeiro o amor que acabou (porque deveria durar para sempre, e então seguimos procurando) e que era falso o amor que não se contentou (porque deveria ser completo, então condenamos os traidores). Contemporaneamente, podemos ainda incluir a noção de igualdade, reciprocidade e mutualidade que enquadram as relações na figura de uma balança, equilibrando a expectativa de que ambos gozem naquela relação dos mesmos benefícios, que estejam propensos a fazer o mesmo investimento no outro e que o nó atado no nós seja colocado antes do(s) fios soltos do eu(s) (Moscheta, 2017, p. 431).

Essa ideia do amor ideal ganha um peso de necessidade (em que é preciso gozar de uma relação afetivo sexual para ser considerado um sujeito inteiro) e de responsabilidade (pela construção e manutenção da relação). Passamos a buscar, enquanto consequência, o controle pelo corpo/vida do outro. Neste sentido, Moscheta (2017) sinaliza que o *nós* se torna o centro.

Reforçando, penso que exatamente por esse *nós* que é constituído, ou seja, esse laço quase (ou às vezes concretamente) que é criado, Parkes (2009) afirma que muitas pessoas optam por não investirem no amor pelos riscos que tal empreitada ocasiona e pelas possíveis consequências que podem ser originadas a partir de então. Ao falar de risco, o autor está se referindo, principalmente, à possibilidade da perda, de que o vínculo seja rompido. Destaca também que, em um movimento contrário, algumas pessoas investem nas relações com tamanha intensidade que negam que haja a possibilidade de que exista qualquer tipo de risco para a perda.

Avançando, em sua pesquisa de mestrado, Moscheta (2004) buscou compreender como se dava a construção da intimidade conjugal entre homens homossexuais. Para isso, realizou entrevistas com alguns casais. A partir dos dados obtidos, notou-se que em certas conjunturas há uma busca pela repetição aos modelos heterossexuais de conjugalidade e, em outras, um movimento para a construção de estilos distintos de relacionamento/conjugalidade. Ademais, o autor identificou o papel social no cerceamento das relações homoafetivas, seja através de situações que limitam e/ou situações que isolam os casais em suas vivências, fator que pode vir a desencadear angústias.

Outra pesquisa importante foi a realizada por Heilborn, em que, com o livro *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário* (2004), fruto de sua tese de doutorado, pesquisou a construção da relação conjugal entre mulheres, buscando compreender as condições que se fazem necessárias para a construção e manutenção do casal, levando em consideração o que chamou de gramática das diferenças, ou seja, a operação da identidade sexual e de gênero, analisando, também, os mecanismos sociológicos que configuram o cotidiano a dois.

2. ROMPIMENTOS DE VÍNCULOS

2.1 O luto como reação aos rompimentos dos vínculos afetivos

Ao nos debruçarmos nos estudos do luto, encontramos diversos autores/as que apresentam conceitos e ideias do que venha a ser este fenômeno. Parkes (1998) apresenta o luto enquanto uma resposta normal frente a uma perda, não sendo considerado um estado, mas sim um processo, pois engloba uma sucessão de quadros que tendem, em seu decurso, a se mesclar e se substituírem. Para Barbosa (2016), o luto, fruto da experiência do rompimento de um vínculo afetivo, envolve um complexo processo de mudanças e transformações que abarca diversas dimensões.

No mesmo caminho, Doka (2016) destaca que o luto se caracteriza por reações altamente individuais, isto é, algumas pessoas podem apresentar-se profundamente abaladas, enquanto outras podem vir a experienciar o luto de forma mais resiliente. Além do mais, destaca que o luto é da ordem multidimensional, podendo afetar nossas emoções, comportamentos e pensamentos.

Em um viés contemporâneo, Franco (2021) compreende o luto enquanto um processo permeado pela busca de significado ocasionado pelo rompimento de algum vínculo afetivo, destacando que “é processo porque implica mudança, elaboração, movimentos para a frente, para trás, para os lados. Implica ser dinâmico, não estático” (Franco, 2021, p. 24), em que isso se justifica na medida em que

[...] o luto se apresenta em um contexto cultural, regulador de significados; é singular, público, grupal, comunitário, domínios esses que trazem significados prontos e vigentes, com força suficiente para se impor ao indivíduo que vive esse processo e poderá questioná-los, submeter-se a eles, ressignificá-los (Franco, 2021, p. 24).

Neste ponto, pontuamos que, ao abordarmos acerca do tema do luto não estamos nos referindo apenas às perdas por morte de uma pessoa com quem se estava de alguma maneira vinculado. Ao contrário, o luto é muito mais amplo e abrange um leque de outros eventos que permeiam nosso cotidiano: a perda da vitalidade, uma deficiência adquirida, uma separação amorosa, a perda de uma posição social, dentre outros. Em relação aos “tipos” de luto, Kovács (2007) diferencia-os entre: ocasionados por *mortes concretas* e *mortes simbólicas*, destacando que, mesmo que não haja a perda concreta de uma pessoa, o luto desencadeado por mortes simbólicas tende a provocar reações semelhantes à estas, tais como: tristeza, medo e dor.

Ademais, é pertinente situarmos que falar acerca dos processos de perdas e luto é um tema recorrente na literatura científica há séculos, ganhando espaço e notoriedade a partir do século XX. Parkes (1998, 2009) menciona o livro *The Expression of the Emotions in Men and Animals*, de Charles Darwin, por exemplo, como um trabalho que buscou descrever as reações de tristeza que os seres humanos e demais animais expressam após situações de perdas. Ainda, Franco (2010) faz um resgate à Freud e seu clássico texto *Luto e Melancolia*, escrito a partir de suas observações clínicas durante a Primeira Guerra Mundial, destacando aspectos relacionados ao luto, depressão e transtornos pós-traumáticos.

Neste caminho, a partir de outros estudos e pesquisas acerca do luto, autores/as passaram a tentar compreender o processo de luto, buscando identificar mecanismos efetivos para uma adequada intervenção com pessoas enlutadas. É válido pontuar que existem diversos autores/as que trabalham com modelos conceituais de luto e que aqui estamos fazendo apenas um recorte.

Para tanto, brevemente iremos discorrer sobre: as fases do luto, os estágios do luto, as tarefas do luto e, por fim, o modelo do processo dual do luto, este último sendo uma importante ferramenta contemporânea para o trabalho com pessoas enlutadas. Destacamos, todavia, que atualmente não compreende-se o processo de luto como sendo composta por estágios ou fases, no entanto, faz-se pertinente citá-las a fim de que possamos compreender historicamente os caminhos que foram percorridos para a atual compreensão que se tem sobre o luto e as ações terapêuticas efetivas com pessoas enlutadas.

Em relação às **fases do luto**, destaca-se Bowlby (2004), que apresentou quatro fases que compreendem as reações frente às perdas: fase de entorpecimento, fase de anseio e busca da pessoa perdida, fase de desorganização e desespero e fase de reorganização. Destaca-se que Parkes (1998, 2009) desenvolveu importantes trabalhos com Bowlby, tendo contribuído para a atualização de alguns conceitos e ampliando o escopo de estudos que abarcam as supracitadas fases do luto.

Outro modelo amplamente conhecido é o de **estágios do luto**, que teve seu início com Kübler-Ross (2008), a partir de sua intervenção médica com pacientes que recebiam o diagnóstico de alguma doença sem previsibilidade de cura: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação; em estudo posterior, Kübler-Ross e Kessler (2005), ampliaram os estágios para outros tipos de luto.

Uma outra categoria que se diferencia das anteriores pela ideia de que o enlutado, neste momento, seja ativo e participativo do seu processo de luto é o elaborado por Worden (2009), chamado de modelo das **tarefas do luto**, a saber: aceitar a realidade da perda, processar sua

dor, ajustar-se ao mundo sem a pessoa e encontrar recursos para lembrar-se da pessoa perdida e que possa, com isso, continuar sua vida.

Por fim, destacamos o **Modelo do Processo Dual do Luto**, formulado por M. Stroebe e H. Schut, que busca apresentar a existência de oscilações durante o processo de luto, onde em determinados momentos a pessoa enlutada direciona e orienta suas atividades e energias para a perda do objeto e, em outras, direciona-se para a restauração, a partir do retorno aos hábitos e ressignificação da vida, através de novas experiências, por exemplo (Stroebe e Schut, 1999, 2016).

Neste estudo iremos trabalhar pautados no modelo do processo dual do luto, visto que, como pontua Barbosa (2016) e Franco (2021), este modelo tende a ser mais compreensivo, dinâmico e flexível ao lidar com os processos dos enlutados ao buscarem estratégias e recursos para lidarem com suas perdas, levando em consideração, é claro, que

Cada pessoa fica enlutada pela sua maneira, não existindo, portanto, maneiras melhores ou piores, nem a imposição de uma seqüência rígida, que normatize o processo. Portanto, mesmo que se identifiquem as fases e uma possível seqüência temporal, convém não esquecer que o luto é uma experiência pessoal e única, para cada pessoa (Franco, 2002, p.26).

E, por ser uma experiência pessoal e única para cada pessoa, o luto também será único e singular, visto que cada vínculo afetivo se constrói e se mantém de maneira particular entre as pessoas (DOKA, 2016). Talvez por isso Parkes (1998), sabiamente, diz que o luto é “[..] o preço que pagamos pelo amor, o preço do compromisso” (Parkes, 1998, p. 22), em outras palavras, o preço que inexoravelmente iremos arcar por nos permitirmos construir relações com outra(s) pessoa(s), compartilhar nossas expectativas, fragilidades e sonhos.

2.2 Luto não reconhecido

Iremos enfatizar o processo de luto desencadeado a partir do rompimento de uma relação de cunho afetivo-sexual entre homens gays, ocasionada não necessariamente por mortes concretas, podendo englobar separações e/ou divórcios, apresentando, também, os possíveis fatores que podem culminar para o não reconhecido social deste luto.

Logo, pensar em lutos que sejam dignos de serem vividos e lutos que não o são é refletir quanto aos impactos sociais no silenciamento de certas vozes e do papel do coletivo na validação ou no silenciamento dos sentimentos que as pessoas que perderam alguém, de significativa vinculação, vivenciam.

Em relação às separações em vida, Kovács (2011) chama-as de “perda entre vivos”, pontuando que, mesmo que não houve a morte concreta, os sentimentos despertados se assemelham ao luto desencadeado pela morte biológica de uma pessoa: é como se o outro tivesse morrido, mas ele continua ali, vivo, em algum lugar sua existência permanece.

Doka (1999, 2002, 2022) apresenta o conceito de luto não reconhecido como sendo o luto que não é possível de ser expressado socialmente, isto é, o luto que não recebe espaço para ser compartilhado, onde as pessoas enlutadas não possuem direitos de expressar seu pesar, de torná-lo público.

Logo, quando não acontece a validação social desta perda, Casellato (2015) sinaliza que a falta de expressão do pesar pode acarretar no adiamento ou, ainda, na inibição do processo de elaboração do luto, ocasionando, em um primeiro momento, em dificuldade para aceitar a realidade instalada, bem como a impossibilidade de se buscar e construir novas figuras de apego para suprirem as necessidades afetivas da pessoa enlutada.

Mesmo que os sujeitos enlutados apresentem uma gama importante de reações frente à perda, o seu luto tende a ser negligenciado, (Doka, 2002, 2022), numa lógica que segue a ideia de que ele não possui “direitos” de se sentir enlutado. Logo, a sociedade, em ampla escala, possui intensa responsabilidade nessa falta de franqueamento, visto que

Cada sociedade possui normas que estruturam a maneira de se enlutar. Essas normas não incluem apenas comportamentos esperados, mas também normas em relação ao sentir, pensar e expressar. Em outras palavras, quando uma perda acontece, essas regras do luto incluem não apenas como uma pessoa vai se expressar, mas também como vai pensar e se sentir. Ela governa quais perdas são enlutáveis, como serão enlutáveis, quem legitimamente pode se enlutar pela perda e como e a quem os outros podem responder com simpatia e apoio. Essas normas existem não apenas como hábitos populares ou comportamentos naturalmente esperados, mas também como “leis” (Doka, 2002, p. 06, tradução nossa).

Nesta perspectiva, vê-se que o conceito de luto não reconhecido abarca a noção de que a sociedade determina, através de suas normas e “regras do luto”, “[...] quem, quando, onde, como, por quanto tempo e por quem a pessoa deverá enlutar-se” (Doka, 1999, p. 37, tradução nossa), ignorando aspectos que são subjetivos de cada pessoa. Corr (1999) pontua que tal conceito admite que a sociedade, direta ou indiretamente, se nega a reconhecer, validar ou dar qualquer tipo de suporte ao luto de determinados indivíduos, famílias ou comunidades. No entanto, mesmo que o luto seja negado pela sociedade, Casellato (2005) destaca que este processo pode ser vivido da mesma maneira no nível subjetivo e intrapsíquico da pessoa enlutada, podendo ser regido por sentimentos de culpa, medo e vergonha.

Doka (1999, 2002, 2008) apresenta as perdas que tendem a não serem reconhecidas organizando-as em cinco categorias. Originariamente, em publicação anterior (Doka, 1988), o autor apresentou apenas as primeiras três categorias. Com seus novos estudos e sua ampla prática clínica com pessoas enlutadas, o autor acrescentou as duas últimas, categorizando o que chamou de *Tipologia do Luto Não Reconhecido*. As categorias são:

- *Quando a relação não é reconhecida*: situações em que o luto pode vir a não ser socialmente reconhecido quando a relação entre o enlutado e a pessoa que morreu não era baseada em laços de parentesco. Ainda, existem as relações que não podem ser socialmente reconhecidas e aceitas por não se enquadrarem nos padrões e regras sociais, tais como: relacionamentos homoafetivos e relacionamentos extraconjugais;
- *Quando a perda não é reconhecida*: são as perdas que a sociedade não julga como significativas: a morte de um animal de estimação, aborto (em caso de aborto induzido, isto é, o aborto ocorre com o consentimento da pessoa) e a mortalidade perinatal;
- *O enlutado não é reconhecido*: ocorre em situações onde a pessoa enlutada é socialmente definida como não sendo capaz de vivenciar o luto devido a alguma de suas características pessoais, o que limitaria, por exemplo, sua compreensão e reação frente à perda. Exemplos de enlutados que não são reconhecidos: pessoas jovens (crianças e adolescentes), idosos/as que possuam algum comprometimento cognitivo, pessoas com transtornos mentais e pessoas que possuam algum tipo de deficiência intelectual;
- *A morte não é reconhecida (a circunstância)*: algumas perdas fazem com que a pessoa enlutada fique receosa em buscar suporte social, com medo da reprovação causada pela circunstância da morte. São exemplos: morte por suicídio, acidente de trânsito por ingestão de álcool, overdose e AIDS;
- *A maneira com que o indivíduo fica enlutado*: situações em que o indivíduo vivencia seu luto de maneira que a sociedade não compreenda como sendo adequada, esperada. Socialmente, o que se espera com o luto são expressões emotivas que envolvam o choro. No entanto, algumas pessoas experienciam seu pesar de forma cognitiva, ou seja, são

mais introspectivas e não expressam com lágrimas seus sentimentos, o que faz com que alguns interpretem como sendo ausência de sentimentos.

Casellato (2015) pontua que a falta de empatia, ou seja, a ausência da capacidade de compreensão do sofrimento e do significado da perda de outra pessoa, mostra-se presente em todos os tipos de lutos não reconhecidos. Por isso, destaca que o luto não reconhecido é um fenômeno que busca tornar legítimo a gama de emoções e sentimentos que são originados após uma perda, sem levar em consideração: quando as reações de luto irão se manifestar, com quem as manifesta, como se manifestam, por quais razões e por quem. Assim, quando uma perda não é reconhecida, o que se experimenta é uma falha no ambiente social em oferecer suporte e aceitação aos enlutados, ao negarem segurança de pertencimento e conexão com o seu meio. Logo, a experiência do luto pode ser permeada por sentimentos de solidão e alienação.

Nesta lógica, no caso do luto pelas relações homoafetivas, este tende a não ser reconhecido, em um primeiro momento, pelo não reconhecimento da relação em si (Doka, 1999, 2002, 2008). Indo mais adiante, podemos pensar que esse fator pode ser agravado devido à situação que implicou no rompimento do vínculo: foi por morte? Neste caso, suicídio, acidente, morte natural? Foi separação em vida? O que quero destacar com tais indagações é que uma mesma pessoa pode se defrontar, em uma mesma situação de perda, com várias facetas de não franqueamento de seu luto.

Por fim, mas não menos importante, concordo com Ducati (2005) que reflete acerca do luto por separações na homossexualidade, pontuando sobre a existência de estigmas que compõem as relações não heteronormativas, estigmas estes que tendem a reafirmar o preconceito e a homofobia que se faz presente nas vivências destas pessoas, assinalando, inclusive, a própria dificuldade dos enlutados em validarem sua vivência de luto.

2.3 O luto ancorado nos estudos de Judith Butler

Os estudos da filósofa Judith Butler são provocativos para desenvolvermos um olhar direcionado aos dispositivos sociais e culturais que são intencionalmente construídos e marcados em relação ao fenômeno do luto e, a partir de então, analisarmos seus efeitos e atravessamentos na esfera da subjetividade. Além disso, Butler nos propõe compreendermos a problemática dos corpos considerados humanos e quais não o são, o que conseqüentemente nos

faz olhar para algumas vidas enquanto passíveis de serem enlutadas, enquanto outras podem ser ignoradas, apagadas, rechaçadas.

Segundo Rodrigues (2017, 2020, 2021), pesquisadora brasileira com ampla experiência e conhecimento nos estudos de Butler, a primeira vez que Butler apresentou a noção de luto foi em 1990 na obra *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, quando menciona o fracasso social no reconhecimento das vidas que foram perdidas para a AIDS. Alguns anos depois, já em 1993, com o livro *Corpos que importam: os limites discursivos do sexo*, a autora passa a retomar suas pesquisas e reflexões acerca do luto, apresentando, neste momento, a relevância política da expressão do luto coletivo.

Aprofundando seus estudos, no ano de 1997, Butler lança *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*, passando a apresentar uma abordagem mais ampla acerca do tema, ao ler, ancorada em Freud, os conceitos de luto e melancolia apresentados pelo autor, trazendo à luz algumas reflexões acerca do trabalho do pai da psicanálise. Já em 2000, publica *O clamor de Antígona*, apresentando, na virada do século, o exemplo da tragédia grega enquanto para ilustrar que nem todos os mortos possuem o mesmo direito de serem enlutados, bem como nem todos os que vivem possuem o mesmo direito de reconhecerem seus mortos (Rodrigues, 2017, 2020, 2021).

Em sua obra, Butler (2019) faz uma leitura do luto pautado em sua relação com o fenômeno da violência, mais especificamente após os atentados terroristas que os Estados Unidos vivenciaram no início do século XXI. Neste sentido, a percepção de que podemos ser violados e que também os outros ao nosso redor podem ser violados, além de podermos estar sujeitos à morte pela vontade do outro, são gatilhos para o surgimento de medo e, conseqüentemente, de luto.

A perda de algumas vidas ocasiona o luto; de outras, não; a distribuição desigual do luto decide quais tipos de sujeitos são e devem ser enlutados, e quais tipos não devem; opera para produzir e manter certas concepções excludentes de quem é normativamente humano: o que conta como uma vida vivível e como uma morte passível de ser enlutada? (Butler, 2019, p. 13).

Logo, a compreensão do luto para Butler (2019), frente à problemática da violência, alcança a esfera política, chegando à seguinte questão: “[...] quem conta como humano? Quais vidas contam como vidas? E, finalmente, o que *concede a uma vida ser passível de luto?*” (Butler, 2019, p.40). Dessa forma, pode-se compreender que o luto não é da ordem do privado, isto é, não se organiza de maneira solitária, pois não nos isola frente ao mundo; ao contrário, o

luto pode fornecer um senso de pertencimento e de politização frente à comunidade. Não obstante, Butler (2018) arrisca dizer que “[...] é importante questionar a ideia de pessoa como individualidade” (Butler, 2018, p. 19), ou seja, a noção de subjetividade é penetrada por construções sociais que, direta ou indiretamente, refletem e permeiam o individual.

Butler (2019), refletindo acerca da vulnerabilidade para a violência e para o luto, apresenta que existem condições que demarcam determinadas vidas enquanto mais vulneráveis do que outras, o que conseqüentemente resulta em vidas que tendem a provocar mais reconhecimento ao luto do que outras. Isto posto, vemos que

Vidas são apoiadas e mantidas diferentemente, e existem formas radicalmente diferentes nas quais a vulnerabilidade física humana é distribuída ao redor do mundo. Certas vidas serão altamente protegidas, e a anulação de suas reivindicações à inviolabilidade será suficiente para mobilizar as forças de guerra. Outras vidas não encontrarão um suporte tão rápido e feroz e nem sequer se qualificarão como “passíveis de ser enlutadas”. (Butler, 2019, p. 52).

Neste sentido, podemos avistar a existência de uma hierarquia do luto, e como exemplo, ao recorrermos aos obituários de guerra, é comum encontrarmos vidas (não qualquer vida, mas sim pessoas casadas, heterossexuais, monogâmicas e “felizes”) organizadas, humanizadas e compartilhadas na mídia. Em contrapartida, milhares de vidas de palestinos ou crianças e adultos afegãos, mortos pela mão de militares israelenses que contaram com o apoio dos Estados Unidos para tal chacina, são silenciadas, escondidas, banalizadas (Butler, 2019). É possível, então, questionarmos como fez a autora:

Até que ponto os povos árabes, predominantemente praticantes do islamismo, foram excluídos do “humano”, tal como foi naturalizado nos modelos “ocidentais” contemporâneos do humanismo? **Quais são os contornos culturais do humano aqui em ação? Como os quadros culturais que usamos para pensar o conjunto humano limitam os tipos de perdas que podemos considerar como perdas?** (Butler, 2019, p. 53, grifo nosso).

Quando nos indagamos acerca de quais vidas são passíveis de luto, estamos nos referindo a uma questão presente em vários campos: nos estudos LGBTI+, nos movimentos de gênero e sexualidade, no campo das pessoas com deficiência e, também, nos estudos raciais. São grupos de pessoas que, em sua maioria, vivenciam situações de desrealização, ou seja, que são retirados da compreensão ontológica de real e que precisam a todo momento buscar recriar a realidade na qual estão inseridas, isto porque se a violência é praticada contra elas, ao serem pessoas não consideradas reais, logo, as violências praticadas contra elas não são compreendidas, no campo da violência, enquanto reais. Dois exemplos pertinentes de nota: na época de maior surto de AIDS no mundo, na década de 1980/1990, poucos casos foram

passíveis de comoção/luto público e, também, o imenso número de mortes que acontecem diariamente na África não é evidenciado, ainda hoje, pela mídia (Butler, 2019). Não só,

[...] existe também o fato de que mulheres e minorias, incluindo minorias sexuais, são, como comunidade, sujeitas à violência, expostas à sua possibilidade, se não à sua concretização. Isso significa que somos constituídos politicamente em parte pela vulnerabilidade social dos nossos corpos - como um local de exposição pública ao mesmo tempo assertivo e desprotegido. A perda e a vulnerabilidade parecem se originar do fato de sermos corpos socialmente constituídos, apegados a outros, correndo o risco de perder tais ligações, expostos a outros, correndo o risco de violência por causa de tal exposição. (Butler, 2019, p. 40).

Em virtude disso, para Butler (2018), entra em cena a noção de enquadramento, compreendido neste contexto enquanto “as molduras pelas quais apreendemos ou, na verdade, não conseguimos apreender a vida dos outros como perdida ou lesada” (p. 14), assumindo um local de poder e controle, em que surge a delimitação do que pode aparecer e o que deve ficar à margem deste recorte que compõe o enquadramento. No entanto, a moldura limita, exclui, amplia ou intervém determinada imagem. Neste sentido,

[...] questionar a moldura significa mostrar que ela nunca conteve de fato a cena a que se propunha ilustrar, que já havia algo de fora, que tornava o próprio sentido de dentro, reconhecível. A moldura nunca determinou realmente, de forma precisa o que vemos, pensamos, reconhecemos e apreendemos. Algo ultrapassa a moldura que atrapalha nosso senso de realidade; em outras palavras, algo acontece que não se ajusta à nossa compreensão estabelecida das coisas (Butler, 2018, p. 24).

Aproximando as reflexões até então expostas neste texto à nossa realidade brasileira, como exemplo, podemos recorrer a Moscheta (2021) que estabeleceu uma conexão entre os estudos de Butler no que tange às vidas consideradas enquanto vidas e, portanto, passíveis de luto, ao caso de Dandara, travesti brutalmente assassinada em 2017 na cidade de Fortaleza - CE.

De acordo com o autor, trazendo a questão da estética da destruição e da marginalização de pessoas consideradas desviantes à norma, encontramos alguns elementos que merecem destaque: a morte de Dandara foi registrada em vídeo, posteriormente amplamente divulgado; faz-se presente o desejo pelo registro da cena para que possa ser revisto, enquanto um troféu, uma conquista. No vídeo pode-se constatar, por exemplo, o fato de que nenhuma pessoa que testemunhou o ato, inclusive quem o filmou, interceptou para que a violência fosse cessada. Não houve comoção. Não havia crença, entre os presentes, naquela vida enquanto uma vida real, isto é, o corpo de Dandara não era considerado um corpo real - era, ao invés disso, um

corpo travesti, marginal, desviante. Não havia espaço para a comoção ou reconhecimento de vida. Não era, então, um corpo passível de luto.

Sem a condição de ser enlutada, não há vida, ou, melhor dizendo, há algo que está vivo, mas que é diferente de uma vida. Em seu lugar, “há uma vida que nunca terá sido vivida”, que não é preservada por nenhuma consideração, por nenhum testemunho, e que não será enlutada quando perdida. A apreensão da condição de ser enlutada precede e torna possível a apreensão da vida precária. A condição de ser enlutado precede e torna possível a apreensão do ser vivo como algo que vive, exposto a não vida desde o início. (Butler, 2018, p. 33).

Em relação ao corpo, Butler (2018) destaca que ele está exposto a todo instante à modelagem e forma social, articulando-se política e socialmente, submetendo-se às exigências sociais, tais como a linguagem, o trabalho e o desejo, recursos que tornam a subsistência autorizada é possível. Isso posto, conclui-se que “os sujeitos são constituídos mediante normas que, quando repetidas, produzem e deslocam os termos por meio dos quais os sujeitos são reconhecidos” (Butler, 2018, p. 17). Para a autora, o corpo passa a ser compreendido enquanto um fenômeno social, pois está exposto aos outros, sendo vulnerável por essência. Logo, para que o corpo sobreviva ele depende de condições externas, com o que está fora.

Enquanto consequência de tais marcadores sociais, em um movimento de contrapartida, isto é, de resistência frente às normas e aos modelos presentes no repertório social, encontram-se sujeitos que tendem a ir contra estas formas, opondo-se à hegemonia. Como resultado, surgem os divisores (muitas vezes sutis) que produzem cisões frente às formas de existir, passando a não reconhecer e a marginalizar certas existências, subalternizando-as. Se uma vida não é considerada vida, logo, sua morte não será considerada a morte de um corpo enlutável, ou seja, digno de comoção e reconhecimento social.

Nesta ótica, respaldada pelos estudos de Butler, Rodrigues (2017, 2020, 2021) sinaliza que é preciso, além de buscarmos estabelecer o reconhecimento de todas as vidas enquanto vidas que são passíveis de luto, é necessário que busquemos a compreensão acerca de quais são as condições que enquadram determinadas vidas em não serem reconhecidas e enlutáveis. Logo, faz-se preciso pensar o porquê o racismo, as sexualidades não-heteronormativas, bem como o preconceito religioso pesam mais em relação a outros corpos.

3. O ESTADO DA ARTE DAS PESQUISAS SOBRE HOMOSSEXUALIDADE E LUTO

Visto que o objetivo geral desta pesquisa é conhecer a experiência da separação e do luto em casais de homens gays homossexuais e seus atravessamentos sociais, realizamos uma pesquisa acerca do estado da arte desta temática e sua produção na literatura especializada. Destacamos que quando nos direcionamos à realização de uma pesquisa dita estado da arte, estamos nos referindo, segundo Ferreira (2002), dentre outros aspectos, a uma pesquisa de caráter bibliográfico que busca mapear as produções acadêmicas de determinada temática, fruto de dissertações, teses, publicações em periódicos, em diferentes campos do saber.

Neste caminho, realizamos essa pesquisa a fim de conhecermos o que já foi produzido acerca desta temática, para que possamos, inclusive, constatar o reconhecimento e espaço que se é ofertado para o desenvolvimento de estudos relacionados à área da homossexualidade e do luto.

Para tanto, passamos a realizar, no período de 06 de maio de 2021 a 13 de maio de 2021, buscas em diversos bancos de dados, a saber: Scielo (*Scientific Electronic Library Online*), Portal de Periódicos CAPES, Biblioteca Virtual em Saúde - BVS, Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia - PEPSIC e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD. Para as buscas, utilizamos os seguintes descritores: homossexualidade e luto; conjugalidade e luto; luto e sexualidade; homossexualidade e conjugalidade; luto e LGBT; luto e sexo; homens gays e luto; homossexualidade e separação. Após as buscas nas bases de dados com os descritores supracitados, identificamos 2642 trabalhos.

Quadro 1: Descritores utilizados nos bancos de dados online

DESCRITOR	SCIELO	PORTAL CAPES	BVS	PEPSIC	BDTD	TOTAL
Homossexualidade e luto	1	39	60	0	85	185
Conjugalidade e luto	2	29	9	3	58	101
Luto e sexualidade	1	175	23	5	483	687
Homossexualidade e conjugalidade	5	64	26	4	57	156
Luto e LGBT	0	18	7	0	86	111
Luto e sexo	8	410	444	4	352	1218
Homens gays e luto	0	17	7	0	6	30
Homossexualidade e separação	3	122	16	0	13	154
TOTAL						2642

Na sequência, foi realizada a leitura dos títulos e resumos de todos os materiais encontrados, em que foram tomados enquanto critérios de exclusão: trabalhos que não estivessem disponíveis no formato completo, estudos que não fossem em língua portuguesa ou inglesa e, também, após lido os títulos e resumos, trabalhos repetidos e trabalhos que não abordassem diretamente a temática do rompimento afetivo entre homens gays. Com esta filtragem, a seleção resultou em 34 trabalhos.

Quadro 2: Seleção dos artigos científicos: título e resumo

DESCRITOR	SCIELO	PORTAL CAPES	BVS	PEPSIC	BDTD	TOTAL
Homossexualidade e luto	1	0	4	0	0	5
Conjugalidade e luto	0	0	0	3	0	3
Luto e sexualidade	1	0	0	5	0	6
Homossexualidade e conjugalidade	0	3	2	4	0	9
Luto e LGBT	0	0	3	0	0	3
Luto e sexo	0	0	1	4	0	5
Homens gays e luto	0	0	0	0	0	0
Homossexualidade e separação	0	2	1	0	0	3
TOTAL						34

Após a realização desta etapa de leitura e seleção dos resultados encontrados, passamos para a leitura completa dos materiais. Após isso, constatamos que 32 dos materiais não se enquadraram à presente proposta, resultando, por fim, em 02 estudos.

Ambos os estudos se dedicam ao luto da população LGBT após a separação entre casais do mesmo sexo, especificamente, em ambos os casos, por morte. No primeiro artigo, Bristowe, Marshall e Harding (2016), realizaram uma Revisão Sistemática de Literatura e síntese temática buscando identificar a experiência de pessoas LGBTs que perderam um parceiro. Ainda, neste mesmo estudo, após a realização do levantamento dos materiais encontrados, os autores propuseram um modelo para detalhar a experiência do luto destas pessoas e as especificidades desta comunidade, dando ênfase às necessidades de cuidado e acolhimento ao luto.

Um ponto importante destacado pelos autores se refere à presença de muitos estudos que trabalhavam com a questão do HIV e AIDS ao discorrerem acerca do luto nesta população, com destaque aos homens gays e bissexuais, principalmente na década de 1990, tornando-se, devido a isto, uma “sombra” e permanecendo, inclusive, até os dias de hoje. Como resultado da pesquisa, os autores evidenciam a importância de um cuidado que leve em consideração aspectos próprios da população LGBT (reconhecimento, validação, estigmas, etc.) no cuidado

ao luto, e chamam a atenção para que as intervenções não sejam baseadas em padrões heteronormativos e, ao contrário, ofereçam um cuidado e acolhimento de maneira holística.

Já no segundo artigo, Patlamazoglou, Simmonds e Snell (2017), através da realização de uma revisão bibliográfica, tiveram como objetivo investigar a experiência do luto em pessoas do mesmo sexo, que não esteja, no entanto, relacionado com perdas oriundas do HIV e AIDS, abordando os possíveis complicadores do não reconhecimento ao luto. Ainda, os autores apresentam algumas orientações para a atuação e pesquisa ao luto com pessoas não heterossexuais.

Como se pode depreender dos estudos acima, é interessante pontuarmos que em ambas as pesquisas os autores e autoras não se debruçaram em estudos que tenham levado em consideração rompimentos e lutos ocasionados por HIV e AIDS. Esse filtro se faz relevante visto que é preciso romper com a noção de que LGBTs morrem exclusivamente por complicações da doença. O estigma que a comunidade carrega até os dias de hoje precisa ser problematizado e questionado.

Por fim, outro ponto que podemos destacar é que nenhum dos estudos encontrados se refere exclusivamente ao luto de homens gays, diferente de alguns estudos, que aqui não foram inseridos por não se enquadrarem, que discutiam especificamente o luto de mulheres lésbicas que vivenciaram uma separação afetiva sexual. Com isso, se evidencia o quanto ainda carece, no espaço acadêmico, de pesquisas que se voltam especificamente para este tema e parcela da comunidade LGBT.

PARTE 2

O CAMPO DE ESTUDO

O Sempre amor

*Amor é a coisa mais alegre
amor é a coisa mais triste
amor é coisa que mais quero.
Por causa dele falo palavras como lanças.
Amor é a coisa mais alegre
amor é a coisa mais triste
amor é coisa que mais quero.
Por causa dele podem entalhar-me,
sou de pedra-sabão.
Alegre ou triste,
amor é coisa que mais quero.*

Adélia Prado

(Bagagem. Rio de Janeiro: Record, 2019, p. 86).

1. PESQUISA COM PESSOAS ENLUTADAS

A pesquisa com pessoas enlutadas requer algumas especificidades importantes em sua execução, a fim de que o processo não seja gatilho para o surgimento e/ou potencializador de possíveis sofrimentos já existentes. Isto posto, podemos questionar: qual a relevância científica e, antes disso, humana em executar um trabalho de pesquisa com pessoas em processo de luto?

Franco, Tinoco e Mazorra (2017) apresentam três níveis que justificam a importância e o peso de se realizar tais pesquisas. No primeiro nível, tem-se a noção de que determinada teoria, para que tenha consistência, deve dialogar com o próprio fenômeno no qual se discute, neste caso o luto; em segundo lugar, com o contato direto com o fenômeno, passa-se a conhecer a realidade dos enlutados e, a partir de então, existe a possibilidade de criar recursos para uma construção de intervenções que sejam coerentes com a real necessidade; por fim, mas não menos importante, a partir da experiência das autoras, nos é apresentado que a pesquisa com os enlutados tende a possuir, em muitas situações, um caráter terapêutico, visto que durante a execução das pesquisas costuma-se propiciar um espaço de escuta e acolhimento aos participantes, espaço este muitas vezes ignorado pela sociedade.

Parkes (1995) destaca que a pesquisa com pessoas enlutadas é um território sensível e que, por isso, exige cautela, pois há grandes chances de que ocorra o desencadeamento de angústias para os participantes, afetando-os diretamente. Exatamente por isso, os pesquisadores devem possuir conhecimentos específicos para a execução da pesquisa, a fim de que possuam habilidades satisfatórias no manejo do processo, com o intuito de que reconheçam, por exemplo, o momento adequado para parar ou dar continuidade à uma entrevista.

Nesta perspectiva, Franco, Tinoco e Mazzora (2017) apresentam algumas questões e cuidados que devem ser levados em consideração na realização de pesquisas com pessoas enlutadas, a saber: **quanto ao propósito da pesquisa**, isto é, é preciso levar em consideração para qual fim está sendo realizada a pesquisa e qual o objetivo que se espera alcançar. Na sequência, **quanto ao método**, relaciona-se aos cuidados adotados na escolha dos caminhos a serem percorridos para a realização da entrevista, desde a escolha dos instrumentos à coleta de dados. Também, no mesmo caminho, é preciso cuidado **quanto ao recrutamento e contato com os participantes**, a fim de que a aproximação, apresentação dos objetivos da pesquisa e da proposta sejam feitas de maneira clara, cuidadosa e sem qualquer tipo de pressão aos possíveis participantes. **Quanto à conduta do pesquisador durante a pesquisa**, ou seja, é preciso que o pesquisador assuma uma postura ética, séria e comprometida com seu trabalho,

conduzindo o processo ancorado em uma escuta respeitosa, acolhedora e sem julgamentos. Outro ponto extremamente importante relaciona-se **quanto aos direitos dos participantes em relação à pesquisa** que precisam ser esclarecidos desde o início do processo, a fim de que esteja claro que a participação é voluntária e não obrigatória, tendo direito a todos os esclarecimentos que se fizerem necessários. Por fim, mas não menos importante, é preciso estar atento **quanto aos aspectos pessoais do próprio pesquisador**, que versam sobre a identificação de habilidades e competências que se fazem necessárias para a prática do pesquisador, tais como: conhecimento teórico para lidar com emoções desencadeadas em situações de luto.

Ainda relacionado às recomendações acima elencadas, aqui dando maior ênfase à questão dos direitos dos participantes em relação à pesquisa, salientamos a utilização, neste estudo, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento - TCLE (APÊNDICE I) a fim de esclarecermos todos os passos, propostas e métodos adotadas nesta pesquisa, conforme preconizado pelas Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (BRASIL, 2012, 2016).

Consideramos o TCLE não apenas como uma obrigação burocrática-acadêmica na realização de pesquisas com seres humanos, mas sim um cuidado ético primordial e necessário. Sendo assim, esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP da Universidade Estadual de Maringá, sendo submetida e aprovada na Plataforma Brasil através do parecer de número 4.442.869 (ANEXO I).

2. METODOLOGIA: PREPARANDO O CAMPO DE ESTUDO

A proposta deste estudo refere-se a uma pesquisa de abordagem qualitativa, a qual trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (Minayo, 2009a, p. 21). A abordagem qualitativa objetiva considerar os sentidos de determinados fenômenos a partir dos significados que os sujeitos atribuem ao que falam e fazem (Chizzotti, 2006), considerando que não existe um padrão único, ou seja, uma verdade absoluta e inalterável.

Strauss e Corbin (2008) esclarecem que quando nos referimos à pesquisa qualitativa, nosso objetivo é nos debruçarmos em pesquisas que visem produzir resultados que não podem ser alcançados utilizando-se recursos estatísticos, ou, ainda, de outra maneira que utilize da quantificação.

Logo, neste tipo de pesquisa, é propício que realize-se a análise qualitativa que, ainda conforme Strauss e Corbin (2008) pontuam, não se referem à quantificação dos dados de ordem qualitativa, mas sim a um processo que não é matemático e que visa a interpretação realizada com o intuito de trazer à luz conceitos e relações oriundos de dados brutos, ou seja, das mais diversas fontes que podem ser: entrevistas, observações, documentos, dentre outros.

2.1 Objetivos

2.1.1 Objetivo geral

Produzir sentidos acerca dos rompimentos de vínculos afetivos entre homens cisgêneros homossexuais.

2.1.2 Objetivos específicos

- Discutir os efeitos nos entrevistados do não reconhecimento social de lutos ocasionados por término de relações afetivo-sexuais entre homens cisgêneros homossexuais;
- Discutir os efeitos do silenciamento da homossexualidade sobre a vivência do processo de luto;

- Gerar reflexões para a criação de recursos profissionais para a compreensão e acolhida de homens homossexuais enlutados pelo término de relações afetivas.

2.2 Instrumentos

Como estratégia de coleta de dados, utilizamos a entrevista aberta em que, segundo Minayo (2009b), o entrevistado “[...] é convidado a falar livremente sobre um tema e as perguntas do investigador quando são feitas, buscam dar mais profundidade às reflexões” (Minayo, 2009b, p.64) que surgirem.

Como recurso para a coleta e registro das entrevistas, contamos com gravador de som, sendo este, de acordo com Creswell (2007), um recurso importante para a captura das enunciações.

2.3 Participantes

Para esta pesquisa, participaram 06 (seis) pessoas, a fim de responder aos objetivos do projeto. A escolha desta amostragem foi ao encontro ao que Creswell (2007) pontua, em que nas pesquisas de cunho qualitativo não deve haver a necessidade de selecionar um grande número de participantes, mas sim que se reúna uma seleção proposital dos sujeitos participantes da pesquisa.

Nesta lógica, selecionamos sujeitos com características diversificadas, tencionando alcançar a multiplicidade e variedade de experiências pessoais que cada entrevistado tende a trazer. Estas características incluem: idade, raça/etnia, classe social e nível de escolaridade.

Para localizar os participantes, em um primeiro momento foi realizada divulgação nas redes sociais Facebook, Instagram e WhatsApp, elucidando o propósito desta pesquisa. A partir disso e da manifestação de interesse, entramos em contato com os interessados para a apresentação da pesquisa e para sanar eventuais dúvidas.

2.3.1 Critérios de inclusão

Os critérios para inclusão dos participantes foram:

1. Ter concordado em participar da pesquisa, a partir da leitura e assinatura do TCLE;
2. Ser do sexo masculino;
3. Ter mais de dezoito anos de idade;

4. Reconhecer-se enquanto homossexual e cisgênero e;
5. Ter vivenciado um relacionamento afetivo sexual com duração mínima de três meses.

2.3.2 Critérios de exclusão

Em relação aos critérios de exclusão, destaca-se que não fizeram parte da presente pesquisa os sujeitos que:

1. Romperam o relacionamento há menos de 01 mês;
2. Relatem tentativa de suicídio desencadeada pelo término do relacionamento;
3. Relatem vivenciar crise intensa devido ao rompimento da relação afetiva.

2.4 Procedimentos

Após a manifestação de interesse por parte dos sujeitos, realizei o primeiro contato via telefone para explicar a pesquisa e, ainda, solicitar um endereço e-mail ou contato de WhatsApp para que fosse encaminhado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE para leitura, com o propósito de que a pessoa pudesse ler o documento e sanar suas eventuais dúvidas antes da assinatura. Os encontros foram divididos em dois momentos, detalhados abaixo.

2.4.1 O Primeiro momento

O primeiro momento ocorreu em data, local e horário escolhido pelo entrevistado, que pode ser tanto a clínica presencial em que o pesquisador realizava seus atendimentos ou também pela modalidade online, através do Google Meet. Neste primeiro momento, foi utilizada a entrevista aberta para a obtenção das informações, baseada em uma única questão norteadora: **“Como foi, para você, o término do relacionamento entre você e seu parceiro?”** (APÊNDICE II) e seguiu-se com a exploração de pontos que incluíram: a possibilidade de falar com alguém sobre o rompimento, os reflexos da separação no ambiente familiar, bem como no ambiente de trabalho e/ou acadêmico, reflexos do término em si próprio, experiência subjetiva do processo de rompimento, crenças pessoais acerca do luto, dentre outros.

2.4.2 O Segundo momento

Após a transcrição literal e integral das gravações, a entrevista foi encaminhada em formato .doc para que o entrevistado pudesse ler, alterar algo caso achasse oportuno, tal como acrescentar ou retirar partes de suas falas. Após isso, o segundo encontro possuía como objetivo possibilitar ao entrevistado um breve momento para compartilhar como foi sua experiência com a entrevista e se havia a necessidade e/ou interesse em compartilhar mais alguma questão. Esse segundo momento aconteceu na modalidade online com todos os participantes, visto o contexto pandêmico na qual estávamos inseridos no momento da realização desta parte da pesquisa. Acreditamos que este segundo momento se fez importante visto que, em uma entrevista, pode acontecer dos participantes sentirem-se desconfortáveis e/ou ansiosos e, por isso, esquecerem alguns fatos que posteriormente pudessem considerar importantes ou, ainda, quererem retirar alguma informação que o deixaram desconfortável.

2.5 Organização dos materiais

Após a realização da transcrição das entrevistas, revisão do material com os áudios gravados e da realização dos encontros, chegou a hora de realizarmos a leitura e compreensão dos dados coletados.

Nesta pesquisa nosso objetivo não é realizar uma análise de conteúdo que seja quantitativa, isto é, que vá trazer números sobre homens cisgêneros gays que não possuem a possibilidade de vivenciarem suas experiências de luto. Em um caminho contrário, nosso objetivo aqui é compreender, através dos discursos, a experiência da perda em si, sua relação com o espaço social na qual os enlutados estão inseridos e, com isso, ampliarmos nossos olhares para o luto enquanto um dispositivo socialmente controlado ou, em outras palavras, como o social afeta o trabalho de luto destas pessoas. Buscamos, desta forma, ampliar horizontes e perspectivas.

Para tanto, buscamos manter a integridade dos participantes, de suas histórias de vida e de seus lutos. Logo, a partir desta premissa central que norteia todo o trabalho, buscamos não limitar e/ou reduzir suas falas e respostas à categorias estabelecidas e rígidas, mas sim visamos, através de narrativas, elucidar seus relatos em uma produção do sensível, isto é, na busca de afetar e tocar o leitor, para que o contato com o que aqui está sendo produzido não torne-se apenas uma leitura, mas sim uma provocação e inquietação.

Assim sendo, na próxima parte do trabalho passo a narrar meus encontros com os participantes de maneira a buscar elucidar e ser transparente com as histórias de vida que foram comigo compartilhadas.

PARTE 3

AS NARRATIVAS

Se apenas

*Atravessei descalça
o ferro e o fogo
deixando atrás de mim
rastro de pranto
como se só o sofrer me fosse amigo.
Agora
quando o fim já se faz perto
e caminho na estrada sem espanto
sei que o antigo penar
foi-se no tempo
e me adoça a garganta
quando canto.*

Marina Colasanti

(Mais longa vida. Rio de Janeiro: Record, 2020, p. 33).

Para mantermos o sigilo ético de identificação dos entrevistados, os participantes da pesquisa serão aqui representados com os nomes de personagens masculinos da escritora Clarice Lispector¹. O motivo desta escolha se deve ao meu encanto com a autora e, também, pelo fato de que durante a elaboração e execução desta pesquisa, muito li e me debrucei em seus escritos.

Os nomes foram elencados sem nenhum tipo de identificação e/ou critério, apenas organizados de maneira aleatória. Abaixo seguem, respectivamente, a ordem dos entrevistados.

- Entrevistado 1: **Olímpico**;
- Entrevistado 2: **Rodrigo**;
- Entrevistado 3: **Ulisses**;
- Entrevistado 4: **Alfredo**;
- Entrevistado 5: **Otávio**;
- Entrevistado 6: **Daniel**.

3.1 Olímpico

O primeiro participante, nomeado de Olímpico, chegou até mim intermediado por uma psicóloga em comum que o atendeu há algum tempo. Ela, sabendo de meus objetivos da pesquisa, entrou em contato com ele para saber se tinha interesse em participar. Com sua anuência, me encaminhou seu número de telefone e eu fiz o primeiro contato.

Para a realização da primeira entrevista, agendada para a data de 16/06/2021, simulei algumas vezes como eu iria me apresentar, o que eu iria falar, como iria abordá-lo. Como Olímpico havia solicitado que nosso encontro fosse realizado de maneira virtual, alguns minutos antes do horário combinado certifiquei-me de que a conexão com a internet estava boa, que eu havia criado a sala no Google Meet e enviado o link para ele. Deixei ao meu lado uma folha com a questão disparadora e os temas norteadores para a entrevista anotados, pois, como tratava-se de minha primeira experiência com entrevista, evitava correr o risco de me esquecer.

Em relação à solicitação de que nosso encontro fosse online, Olímpico relata que ainda possui dificuldades para sair de casa, preferindo ficar em seu quarto, sozinho. Para ele, seu quarto é seu casulo, pois lhe proporciona segurança e proteção. Pela câmera, era possível ver

¹ Clarice Lispector (1920-1977) foi uma escritora brasileira de origem ucraniana, conhecida por sua intensa produção literária, dentre eles romances, contos, ensaios e produção jornalística. Em sua biografia, carrega o peso de ser considerada uma das mais importantes escritoras brasileiras de todos os tempos.

que sua cama ficava logo atrás de seu computador, embaixo da janela. Como ele mesmo me diz logo no início da entrevista: *“Sei que não é certo dizer isso, mas fiquei feliz com a pandemia, pois pelo menos tenho uma desculpa para não sair de casa”*. Assim, ele preferia ficar em seu quarto, local onde trabalhava e dormia, logo, passando a maior parte de seu tempo.

Olímpico possui 36 anos de idade, é formado em Física e também em Direito, mas não exerce nenhuma das profissões. Atualmente, reside com sua mãe, em uma cidade do interior do Estado do Paraná. Foi aos 33 anos que Olímpico perdeu seu noivo por um tumor cerebral. Conforme me diz, a relação entre eles durou aproximadamente 2 anos e, na data do nosso encontro, fazia quase 2 anos da morte de seu companheiro, que aqui irei nomear de André.

André recebeu o diagnóstico de tumor cerebral após ter sido diagnosticado, anteriormente, com ansiedade. Olímpico desconfiou daquilo, pois as reações que esboçava pareciam além de uma crise de ansiedade: era como se ele ficasse fora do ar em alguns momentos. Com o diagnóstico, após ter consultado um profissional da neurologia, descobriram que o tumor, naquele momento, já estava do tamanho de uma laranja e ocupava o espaço do lóbulo frontal esquerdo do cérebro.

Deste momento em diante, segundo Olímpico, teve início a sucessão de pesadelos: a internação hospitalar, os exames, a cirurgia, a perda de sangue durante o procedimento e a triste notícia de que André não havia suportado o procedimento e morreu.

Olímpico se recorda exatamente como recebeu a notícia. Ele estava em um evento do trabalho, parecia ser mais um dia comum, nada excepcional. Foi durante o evento que seu telefone tocou. Ficou apreensivo quando viu o nome da irmã de André aparecendo na tela, ela quase nunca ligava para ele. Lembra-se que pegou o telefone, disse “alô” e do outro lado da linha sua cunhada lhe deu a notícia. André estava morto. A partir de então, foi como se um branco, um vazio tivesse tomado conta de si: não conseguia lembrar onde estava, o que estava fazendo, quem ele era. O vazio o tomou de tamanha forma que chorava e gritava. Nem se importou ou se censurou de estar em um local do trabalho, com seus colegas e chefes: para ele, naquele momento, nada disso tinha importância. O amor de sua vida havia morrido, o homem que ele escolheu estar ao lado, compartilhar toda uma vida pela frente, os planos, os sonhos.

- Não, não, não! Não pode ser verdade! - Gritava, enquanto sentava ao chão e chorava, chorava muito.

Se recorda que logo depois, quando conseguiu dar-se conta de onde estava e o que fazia, ele estava com sua cunhada e com a mãe de André na funerária, resolvendo as questões burocráticas: o caixão, o velório, a sepultura. Detalhes importantes, mas que naquele momento, ainda não faziam sentido para si.

Difícil para Olímpico aceitar tudo o que aconteceu, pois o casal estava no ápice de todas as realizações, pretensões e conquistas que imaginaram alcançar. Na época, Olímpico atuava em um escritório de advogados, mas com o diagnóstico de André, ele saiu do trabalho para se dedicar aos cuidados de seu companheiro de maneira integral. O plano era logo morarem juntos, compartilharem um espaço, concretizar os sonhos e os desejos.

Olímpico nunca foi uma pessoa de muitos amigos. Apesar de algumas pessoas estarem presentes em sua vida, principalmente os colegas de trabalho, sempre se comportou de maneira mais reservada. Quando conheceu André, passaram a dividir os mesmos amigos, pois ele se aproximou da rede social de seu companheiro, adentrando novos espaços e relações.

Quando pensa em relacionamentos afetivos, para ele, construir e manter um relacionamento nunca foi seu objetivo de vida. Na adolescência e início da juventude, teve poucos relacionamentos, não se abria facilmente para o contato com outros rapazes e por isso mesmo acreditava que não conseguiria construir uma relação: havia dificuldade em se entregar, em conseguir confiar em uma outra pessoa. Mas, quando André surgiu em sua vida, as coisas aconteceram de maneira diferente do que ele acreditava até então: Olímpico sentiu-se ouvido por uma outra pessoa, pela primeira vez, de maneira intensa e verdadeira. Olímpico inclusive me diz que: *“a junção também foi [intensa], foi muito 8 ou 80, foi uma compatibilidade muito grande. Eu até brincava com ele, falava que até nos defeitos dele eu amava, e realmente. Assim, o amor, a confiança, a compatibilidade e a parceria atingiram níveis até então inimagináveis para si.*

Durante sua fala, era quase possível sentir a dor em cada palavra que Olímpico pronunciava. Quando perguntei como estava sendo seu processo de luto, como estava lidando com tantas emoções, Olímpico, com a voz lenta, arrastada, me disse: *“Eu vivo assim, meu dia é uma montanha russa de emoções, tem dias que são mais difíceis do que outros, tem alguns dias que não penso isso, [...] mas tem dias que parece que aconteceu naquele dia tudo aquilo.”*

Enquanto trazia seu relato, eu ouvia as palavras de Olímpico e me perguntava como ele podia olhar para coisas tão dolorosas, como estava enfrentando tudo aquilo. Me perguntava, ainda, qual o sentido que a vida havia tomado para si após a morte de André. Considero seu relato de uma intensa coragem, força e capacidade de visualizar tudo o que lhe fere e não desviar o olhar, em nenhum momento. Uma reflexão que me surgiu após a transcrição da entrevista, enquanto eu lia suas narrativas, foi quanto à participação de Olímpico: será que Olímpico aceitou participar da pesquisa enquanto uma tentativa de elaboração e trabalho de luto? Ou ao contrário, será que ele desejava, acima de tudo, gritar para o mundo o quanto seu

amor ainda vive em si, dizer tudo o que sente e o que pulsa dentro de seu corpo e como o vínculo entre ambos foi forte?

Por falar em vínculo, é interessante olhar para a relação entre Olímpico e André no que se refere ao contexto familiar. No início, as irmãs e o pai de Olímpico pareceram não se oporem à relação entre ele e André, inclusive suas irmãs diziam que já sabiam de sua orientação sexual. Ele tratou logo de apresentar o namorado para as pessoas de casa, assumindo-se enquanto homossexual no mesmo momento que apresentava o seu namorado para a família.

Com o rompimento da relação, Olímpico não sentia-se à vontade para falar sobre isso com sua mãe, principalmente por ela ter sido resistente à aceitação no início, quando ele e André começaram o relacionamento. Frente à esse falar sobre seu luto e o espaço para ser acolhido por outras pessoas, pergunto para ele:

- Olímpico, você se sente acolhido por alguém?

Ao qual ele me responde:

- Acolhido sim, mas não verdadeiramente ouvido. A única pessoa que me ouvia, me compreendia verdadeiramente era o André. Hoje, eu sinto que eu grito e ninguém me ouve, parece que o mundo é surdo ou ainda que as pessoas estão sim me ouvindo, mas não verdadeiramente interessadas em me ouvir.

Quando André morreu, Olímpico relata que sentiu que as pessoas ao seu redor, seu ciclo de contatos, tanto de sua família quanto da família dele se importavam consigo. O acolhimento e apoio vieram de ambas as partes, cada qual a sua maneira: sua mãe, por exemplo, sentia-se culpada de alguma forma, pois como não havia aceitado André no início da relação, agora sentia que possuía alguma responsabilidade pelo sofrimento do filho. Também, por ser uma pessoa mais tímida e reservada, e por tais sentimentos e comportamentos terem se intensificado após a morte de André, Olímpico sentia que as pessoas tinham medo de que ele tentasse algo contra sua própria vida. Por isso, não raras as vezes, recebia visitas em casa, inclusive sua mãe ia diversas vezes até seu quarto para ver como ele estava, se precisava de algo.

Até hoje ele mantém contato com a família de seu ex-companheiro, consegue falar sobre sua perda e seus sentimentos, mesmo que de maneira mais reservada e fechada, cautelosamente, pois sente que, com o tempo, tornou-se uma pessoa mais reservada e isolada do que antes, preferindo estar em seu espaço. Em seu ambiente de trabalho também houve acolhimento, visto que seus amigos se preocuparam com ele, inclusive de maneira excessiva, segundo sua própria interpretação. O cuidado, a proteção e o acolhimento que recebeu foram, segundo suas próprias palavras, um privilégio.

Ao refletir acerca do que a perda de André causou em si, Olímpico consegue dizer: o surgimento do medo da falta, do vazio, da solidão. Sentimentos que o assustam, que não diminuíram com o tempo. Hoje, ele até consegue lidar e compreender melhor o que sente, no entanto, o vazio ainda ocupa um espaço significativo em si.

O tempo, para si, congelou: sua vida tem sido resumida ao trabalho administrativo que executa direto de sua casa e nada mais. Hoje, como trabalhava em casa, não precisa sair do quarto para praticamente nenhuma outra atividade. O tempo, ele me diz, parece que congelou.

Certa vez, sua mãe entrou em seu quarto e ele estava chorando. Ela, aparentemente surpresa com a cena que via, perguntou:

- Mas Olímpico, por que você está chorando?

Olímpico, então, olhou para ela e respondeu com outra pergunta que, para ele, parecia óbvia:

- Por que será, mãe?

Sua mãe, por sua vez, disse:

- Mas ainda?

Olímpico teve a certeza, naquele momento, de que seu sentimento não estava sendo validado, valorizado. Relata que acredita que as palavras de sua mãe não foram verbalizadas de maneira negativa, mas mesmo assim elas o machucaram.

Por fim, ainda sobre o tempo, Olímpico me mostra que utiliza ambas as alianças em seu dedo anelar. Levanta a mão e a posiciona em frente à câmera, para que eu possa vê-las. Sinto uma expressão de tristeza em seu olhar, naquele gesto. Hoje, não se diz interessado em conhecer outra pessoa para se envolver afetivamente, sendo, segundo ele mesmo, uma pessoa que dificilmente acredita que conseguirá estabelecer uma outra relação no futuro.

3.2 Rodrigo

Rodrigo possui 33 anos de idade, mora com a mãe e irmãs no interior do Estado do Paraná e trabalha como consultor de saúde, na parte da gestão. Nosso encontro aconteceu pela plataforma *Google Meet* na data de 02/08/2021. Rodrigo e eu já nos conhecíamos, mas não tínhamos qualquer tipo de contato, apenas uma colega em comum que, inclusive, foi a ponte para que ele chegasse até minha pesquisa.

Iniciei nosso encontro lendo o TCLE e perguntando para ele se havia alguma dúvida quanto ao que estava exposto. Rodrigo me perguntou quanto ao sigilo das respostas e à identificação do participante. Nesse momento, releio o trecho no documento que deixa claro as questões dos direitos do participante. Rodrigo compreende, agradece e continuamos. Enquanto buscava sanar suas dúvidas, Rodrigo fazia as perguntas com um sorriso no rosto e olhar atento, mostrando-se interessado pela pesquisa. Aliás, isso perdurou durante todo o nosso encontro.

Após essa parte, demos sequência e abordamos a questão dos relacionamentos que vivenciou. Em sua vida até então, Rodrigo teve a experiência de 3 relacionamentos afetivos-sexuais, em que alguns foram duradouros e outros não, principalmente no final de sua adolescência, período de intensas mudanças, a chegada da maturidade e, com ela, diversas responsabilidades, tanto profissionais quanto a “descoberta” de sua homossexualidade e os destinos possíveis para experienciar seus desejos.

Rodrigo diz que não foi fácil começar a sentir-se autorizado a atrair-se sexualmente por outros homens. Relata também que foi aos 24 anos de idade que conseguiu verbalizar: sou gay. Até então, ele estava, segundo suas próprias palavras, negando quem realmente era. Foi assim que, verbalizando, conseguiu que ele mesmo pudesse ouvir, perceber-se e se reconhecer.

A partir disso, relata que sentiu que portas se abriram, seja no mundo externo ou dentro de si, em sua própria subjetividade. O seu “assumir-se” aconteceu aos 24 anos, idade exata para si, pois acredita que estava no momento de maturidade que daria conta, por exemplo, caso sua família não o aceitasse e a partir disso ele iria buscar não viver à sombra da rejeição e iria construir seu próprio caminho longe deles. No entanto, o que aconteceu foi ao contrário: Rodrigo alcançou em sua família um espaço de acolhimento e aceitação.

É assim que Rodrigo inicia a conversa, falando pausadamente, em tom suave, trazendo sua experiência de descobrir-se e se assumir homossexual, em um período em que sentia medo de ser rejeitado pela família e pelos amigos. Rodrigo está em seu quarto, sua mesa de trabalho fica em frente à sua cama, da mesma maneira que Olímpico.

Suas experiências de namoro foram, segundo Rodrigo, imaturas diversas vezes, ou seja, envolvia-se com rapazes mais jovens e que, pela questão da idade, segundo ele, não conseguiam ter perspectiva e engajamento para um relacionamento monogâmico, objetivo que buscava naquele momento. Das 3 experiências vivenciadas até o momento, em cada uma delas Rodrigo conseguiu extrair algo que lhe lançasse para a frente: fosse uma aprendizagem ocasionada por uma decepção, mas que de alguma forma lhe proporcionava um conhecimento de si novo até então.

Frente a esse aprendizado e referindo-se ao seu segundo relacionamento, Rodrigo relata: “[...] eu vi que não era bom pra mim, que eu precisava me afastar, eu decidi que... eu decidi vou me afastar. Eu já estava em terapia, e daí a terapia me ajudou a ver que eu precisava me redescobrir, eu precisava entender quem eu era, sem ter um namorado, experimentar coisas, ver coisas que gostava, sabe, me deu uma direção pra seguir. Tipo, “acabou aqui, beleza, você vai ficar triste, vai sofrer, mas vai por aqui”, e eu fui e foi muito bom, muito bom mesmo, foi um dos melhores momentos da minha vida. O melhor foi quando eu me assumi, claro, que foi mágico, e esse segundo momento, onde eu me assumi solteiro, digamos assim, também foi mágico, porque eu estava completamente experimentando esse período, fazendo o que eu quisesse.”

Em outro trecho, ainda se referindo à experiência da ruptura, ele diz: “Comecei a viajar, coisa que eu não fazia, comecei a me cuidar, sabe, ir pra academia, comecei a me interessar por outras coisas, enfim, fui experimentando. Tinha coisas que eu gostava, coisas que eu não gostava. Conhecia pessoas que eu gostava, pessoas que eu não gostava, mas eu decidi que isso daí era uma coisa que eu precisava fazer, porque era uma coisa que todo mundo faz até os dezoito, dezenove anos, e que eu não tinha feito, sabe, eu não tive esse espaço assim de “ah, eu vou ser solteiro”, nunca tive, até esse momento. E eu decidi fazer isso.”

Por isso, após diversas experiências, Rodrigo percebe-se, hoje, que pode viver sozinho - ampliou perspectivas e não faz mais da solidão uma inimiga; em suas palavras: “Não tinha essa ideia de que eu poderia ser só eu, sabe, eu precisava ser junto de alguém.”

Essa percepção, no entanto, não chegou tão rapidamente: em seu penúltimo relacionamento, Rodrigo relata que vivenciou mais de 20 términos, até o último e definitivo. Rodrigo vivia um relacionamento no qual suas atividades rotineiras sempre envolviam o namorado. Com o rompimento, viu-se invadido por um vazio que angustiava e trazia medo.

- A rejeição era o que mais me doía, era um sentimento muito forte de rejeição.

Sua criação familiar foi pautada na busca pela construção da família (heterossexual) e isso exercia grande influência em sua forma de buscar se relacionar e também em sua maneira de experienciar o pesar desencadeado pelas rupturas; em suas palavras: “[...] da mesma forma que eu fui criado para ser heterossexual, eu fui criado para ter uma parceira [...] não fui criado para ser solteiro.”

Neste momento de sua vida, Rodrigo estava em psicoterapia, fator que para ele foi importante para lhe proporcionar uma perspectiva diferente, que lhe ampliasse a percepção das possibilidades que poderia ter para si e as novas formas de se relacionar com o outro. Este foi um momento em que a carência, a dificuldade em acreditar ser possível viver só, o apego, foram

elementos importantes que dificultavam a ruptura e o recomeço frente à possibilidade de novos vínculos e relações. Uma relação tumultuada em que qualquer desentendimento era motivo para rupturas, afastamentos e, com isso, iniciava-se um processo de sofrimento e sentimento de rejeição, como ele relata.

Quando decidiu seguir em frente sozinho, Rodrigo percebeu as possibilidades que possuía de conhecer o novo: pessoas, lugares, relacionamentos... descobrir a si mesmo. Rodrigo rompe com o relacionamento e rompe, também, com uma visão heterossexual e monogâmica dos relacionamentos afetivos: percebe a possibilidade de trilhar novos caminhos na sexualidade, novas pessoas, novas maneiras de relacionar-se com seu corpo e também o outro.

Em seu último relacionamento Rodrigo acreditava que as coisas seriam diferentes: conheceu um novo rapaz que logo desejou que namorassem, mas Rodrigo queria experienciar outras formas de relacionamento, não queria sentir-se ligado exclusivamente à uma pessoa e, assim, propôs ao rapaz um relacionamento aberto, isto é, que ambos poderiam conhecer outras pessoas e não possuíam um acordo de exclusividade na relação entre ambos. Parecia, até então, que tudo daria certo, mas com o tempo Rodrigo foi percebendo que não conseguiria manter o relacionamento pelas diferenças entre si, mas principalmente pela sua dificuldade em encarar o namorado enquanto uma pessoa confiável e que lhe proporcionasse segurança. Em suas palavras, Rodrigo diz que ele se comportou, não raras vezes, de maneira omissa, que o relacionamento foi conturbado e que entre eles não havia comunicação. Inclusive, em certa altura, Rodrigo cedeu aos seus objetivos e abriu mão do que desejava, a relação aberta, para tentar uma relação monogâmica, mas não obteve sucesso e, assim, optou pela ruptura.

Assim, Rodrigo ressignifica sua vida a partir de suas experiências afetivas; seus relacionamentos são disparadores para a redefinição de desejos e direções. Como ele mesmo diz: *“E eu tenho 33 anos agora, ou seja, eu não estou ficando nenhum ano mais novo, se eu ficar dedicando tempo da minha vida, esforço, nesse tipo de relacionamento, é isso que eu vou fazer da vida.... Não é isso que eu quero fazer da vida.”*

Um elemento importante é que, experimentar relacionamentos não monogâmicos ou abertos, como é mais conhecido, na visão de Rodrigo tendiam a gerar dúvidas: *Mas vocês tinham o quê? Pelo que, exatamente, você está sofrendo?* Eram frases que, não raras vezes, ele ouvia das pessoas ao seu redor e inclusive se autoquestionava, atravessado pelas construções heteronormativas que nossa sociedade nutre e perpassa de geração em geração.

Ouvir a narrativa de Rodrigo gerou em mim, em alguns momentos, desconfortos. Era como se eu esperasse ouvir uma história linear no sentido de: um relacionamento monogâmico,

com acordos definidos e que, quando aconteceu de haver uma ruptura, gerou intenso sofrimento psicológico e necessidade de acolhimento frente aos processos de luto. No entanto, apesar de seus relacionamentos terem terminado de maneira difícil, Rodrigo recebeu apoio dos familiares e amigos, inclusive no ambiente de trabalho.

Por falar em trabalho, Rodrigo atua no setor criativo, tendo sua inspiração e criatividade como propulsores de suas produções. Assim, nas situações em que havia rompido um relacionamento, seu trabalho era afetado: a produtividade caía, não conseguia sentir-se criativo.

A relação com os amigos também, pois ele só conseguia falar de um único assunto: o relacionamento. Toda hora e qualquer lugar era o momento certo para que ele retomasse uma memória, perguntasse sobre o ex-companheiro ou, ainda, para que falasse de maneira interminável acerca da pessoa. Ele tinha quem o ouvia em suas repetições, fossem os amigos ou a família.

Quando pergunto o que ele compreende como luto e seus efeitos em sua subjetividade, ele responde: *“Eu acho que o luto, ele é um marcador da sua vida, sabe, é um momento ali onde você tem uma micro epifania. Você realmente se define no luto. O luto ele define a gente, porque como a gente sai desse luto é como a gente vai viver ao longo da vida.”*

Pois é, Rodrigo. Concordo com você.

3.3 Ulisses

Ulisses por formação é psicólogo, atuando em dois contextos distintos, sendo o escolar, diretamente com crianças e adolescentes, e a clínica. Residente no Estado de São Paulo, hoje está com 24 anos de idade. É um rapaz branco, de cabelos cacheados e olhos castanhos que se fixaram em mim durante todo o encontro, atentos.

No começo da entrevista, não falava muito, estava apenas responsivo às minhas perguntas. Tentei deixá-lo à vontade para que compartilhasse o que ele quisesse, sem expectativas. Para isso, li pausadamente o TCLE para que, se necessário, ele pudesse sanar suas dúvidas.

Nosso encontro aconteceu na modalidade online, principalmente pela distância geográfica que nos separa. Logo de início, algo que ficou muito marcante para mim foi a relação com seu pai. Ulisses diz que possui um pai extremamente homofóbico, violento e intolerante. Importante dizer que no dia da entrevista ele residia com sua mãe, sua irmã e seu pai, fato ocasionado por questões financeiras. Seus planos, no entanto, era de que logo conseguisse

mudar-se de lá e construir seu próprio lar. Não conseguia visualizar-se morando com o pai durante mais tempo, aquilo era algo muito difícil e limitante para ele. Ter voltado para casa há 04 meses traz sentimentos de angústia, exatamente pela questão da relação com o pai.

Digo que ficou muito marcante para mim pois, quando enviei a transcrição da entrevista para que ele pudesse ler, complementar ou alterar algo que considerasse importante, assim como fiz com todos os participantes, Ulisses escreve ao final do texto o seguinte adendo, que aqui transcrevo exatamente com suas palavras:

“Devido no dia da entrevista meu pai estar em casa não pude falar abertamente sobre a relação com ele. Ele nunca me aceitou visto que desde muito pequeno eu já tinha traços mais femininos e isso o incomodava completamente, minha presença o incomodava. Nossa relação sempre foi conturbada, ele possui uma visão militar e pautada na homofobia. Atualmente consegui me estabilizar financeiramente e sai de casa, morando sozinho consigo me sentir mais livre, meu namorado atual pode frequentar minha casa e não sou oprimido constantemente por meio de olhares, falas e atitudes. A última situação em que meu pai foi homofóbico comigo ele pegou uma faca para me ferir, sendo impedido pela minha irmã e mãe. Fizemos boletim de ocorrência e o caso segue transitando no Ministério Público. Então com ele eu nunca pude falar sobre términos ou até mesmo falar”.

Em alguns momentos, principalmente quando abordamos questões relacionadas com a relação com o pai, a violência vivenciada nos relacionamentos afetivos e alguns pontos de seu passado que também giram em torno de violações de seus direitos, Ulisses chorava, respirava, se desculpava e seguia.

- Para mim é difícil abordar tudo isso, me desculpe. - Dizia ele.

Em relação aos rompimentos de vínculos com seus ex-companheiros, aqui especificamente falando do segundo relacionamento, conforme Ulisses narra: “[...] o rompimento se deu depois [que] eu me peguei no espelho, com meu rosto todo sangrando, aí eu falei que chegou num ponto muito extremo.”

Quando abordamos a questão dos rompimentos, dos afetamentos do luto em si, Ulisses narra que teve suporte emocional e acolhimento social, mas fora de casa: foram as colegas de trabalho, em sua totalidade mulheres, que o ouviam, que lhe davam espaço para compartilhar e externalizar seus sentimentos. Em suas palavras, diz: “É... eu lembro assim que eu terminei, eu cheguei no trabalho, eu trabalhava como estagiário de psicologia jurídica num fórum, e tinha uma outra estagiária lá. Eu cheguei e falei “ah, eu terminei”, mas eu não falei, assim, dando abertura para entrar num assunto. Eu só cheguei falando, aí ela veio, me abraçou, me

perguntou “tá tudo bem?”. Aí foi a primeira vez que eu desliguei do automático e..., [...] aí me caiu a ficha. Aí foi uma das poucas pessoas que me acolheu e falou sobre isso comigo.”

Ulisses diz que sente falta de ser ouvido e, sobretudo, verdadeiramente visto por sua família. Em casa, em alguns momentos a mãe chega até a abordar a questão dos relacionamentos, mas de maneira superficial e nunca aprofundada. Já a sua irmã, segundo Ulisses, o ouve e acolhe “[...] a minha irmã sempre me apoia.”

Em um dos termos, sua mãe lhe disse: “[...] Ah, eu não quero conhecer mais nenhum namorado seu”, porque ela fala que se apega, cria vínculo, e depois eu termino, no sentido de falando “ah, você... as suas relações são muito rápidas, muito curtas. [...] acho que é de vocês gays, essa troca rápida”.

Suas relações anteriores foram, segundo suas próprias palavras, cansativas, em que muito exigia de si, giravam em torno de sofrimento, abuso e dor. Nestes relacionamentos, Ulisses se submetia à situações que hoje percebe que não faziam bem à ele: violência física, agressões verbais e psicológicas, por exemplo. Em um evento em específico, com seu segundo companheiro, Ulisses diz: [...] *Ele fazia questão de ter a senha do meu celular. Ele chegou a quebrar o celular dele, porque me viu curtindo fotos de outros meninos, e ele pegou o celular e jogou o celular com tudo no chão. Então a relação começou a ficar um pouco conturbada demais.*”

Por isso, com o término, Ulisses conseguiu lidar com a situação de maneira positiva e, mesmo sofrendo pela ruptura em si, percebia que esta era a decisão mais sensata a se tomar.

- E quando eu terminei, foi mais “meu Deus, acabou”. Eu terminei, assim, pedindo socorro. - Me diz, respirando como se estivesse relembrando todo o alívio que sentiu ao conseguir tomar aquela decisão.
- Como você se sentia?
- Cansado, exausto. - Me responde, com a voz embargada.

Ulisses passou a frequentar festivais musicais, conhecer novas pessoas e lugares. Começou a sair mais, conhecer distintos espaços sociais, outras pessoas, amizades. Um dos festivais que frequentou e se sentiu muito bem foi o Psicodália, em Santa Catarina. Lá, rodeado de milhares de pessoas, percebeu que ele poderia se comportar da maneira que é: sem se retrair ou precisar esconder-se.

Outro lugar que frequenta e se sente muito bem é na Vila Madalena; ele me diz: *“Tem uma balada na Vila Madalena chamada NossaCasa, é incrível. Uma balada de tropicália. Eu sou muito tropicália, muito MPB, muito Caetano, Gal, e lá só toca isso. E eu ia pra essas baladas sozinho. Ia lá e ver inúmeras pessoas, de diferentes orientações sexuais, demonstrando*

afeto, se aceitando, e era bem naquela, [eu] ia [e] contava um monte de coisas [para pessoas] que eu acabava de conhecer na balada, um pouco bêbado, do que pra amigas daqui que eu tenho há muitos anos, então acho que, descobrir esses lugares pra sair, onde existe essa aceitação, também foi um suporte muito maior pra eu não começar a me embotar demais, [...] e, quando você vai pra lugares onde você é legitimado de fato, aí toda essa barreira que vem contra você de tipo “ah isso é errado, é nojento, é pecado, é crime”, você vê um outro lado.”

Logo, passou a reinventar-se, redescobrir-se em seus gostos e desejos.

- Naqueles lugares - ele me diz - eu não me sentia um estranho, ninguém estranhava ninguém.

- Como era isso? - Pergunto.

- Vou pra lugares onde a aceitação é extremamente grande, onde existe orgulho de fato, e onde eu uso saia, e poder usar umas roupas meio Ney Matogrosso, é tranquilo, porque eu não estava no espaço da minha casa, então consegui descobri esses espaços sociais, onde existe mais de 5 mil pessoas dançando, e todas estão nem aí pra você, é ótimo.

Ulisses continua a buscar novos caminhos, espaços e possibilidades de ser quem, de fato, ele é. O poder que há nos recomeços... Em suas palavras: *“Eu acho que cada dia é um dia que eu lido de uma forma, com essas coisas todas.”*

3.4 Alfredo

O encontro com Alfredo aconteceu presencialmente, em uma clínica de Psicologia que na época eu sublocava para meus atendimentos clínicos. Encontramo-nos no dia 05/08/2021 às 15h. Alfredo é um rapaz que fala abertamente sobre diversos assuntos e não fala pouco: das entrevistas que realizei, a sua foi a que mais ouvi e, conseqüentemente, menos falei. Alfredo me alerta logo no início da entrevista de que talvez tenhamos que pausa-la para que ele possa ir ao banheiro, pois iria passar por um procedimento médico no dia seguinte e as idas ao banheiro eram frequentes. Deixo-o à vontade quanto a isso, podendo interromper sempre que achar necessário.

Alfredo possui 27 anos de idade e a arte está inscrita em si de maneira intensa: cursa artes visuais em uma universidade estadual, é formado em gastronomia e possui grande talento, segundo diz, com a cozinha. Sua principal especialidade, dentre diversos pratos que faz, são os pães, vendidos no bar da família, no qual sua mãe e seus irmãos são os responsáveis por todo

o funcionamento e logística. Hoje, sua participação se resume aos pães e à arte digital que faz para divulgar o estabelecimento nas redes sociais.

Alfredo não gosta do rotineiro, do que já sabe e do que nada tem a aprender. É isso que ele diz quando expõe seu desejo em se aventurar em novos desafios e objetivos, e hoje no bar da família, espaço no qual ele já trabalhou durante alguns anos, sente que já contribuiu e aprendeu tudo o que era para ser. E basta. Agora, é preciso se aventurar no novo. Relata desejo de sempre ir além do conhecido e habitual, não ficando estagnado muito tempo em uma mesma tarefa.

E falando em família, Alfredo me diz que sua família costuma reunir-se entre si, estar presente um com o outro, em momentos de alegria e também tristeza. Para exemplificar, traz a informação de que o pai faleceu há pouco menos de um ano, sendo portador de Alzheimer, doença que, segundo Alfredo, exigiu muita resiliência da família, tanto para o enfrentamento do diagnóstico quanto para os cuidados que seu pai demandou durante os últimos meses de vida que não foram fáceis.

Após conhecê-lo um pouco, sua rotina de vida e de estudos, abordamos sobre seus relacionamentos afetivos-sexuais. Sua vida afetiva, até então, contou com dois relacionamentos que marcaram sua história; como ele mesmo faz questão de dizer: [...] *o último relacionamento ele deixou algumas cicatrizes, demorou um pouco pra eu admitir que deixou*". Trabalhamos, dessa maneira, em conversarmos acerca deste último relacionamento, sendo que foi este relacionamento que fez-se presente durante todo nosso encontro.

Alfredo relata que o relacionamento, que durou aproximadamente 1 ano e 2 meses, terminou no ano de 2018, época das eleições presidenciais no Brasil. Ele me diz que nunca foi uma pessoa muito interessada por política: não tinha bagagem para discutir sobre o tema e não compreendia o assunto. Já seu namorado era uma pessoa militante no cenário político, fato que acabou trazendo algumas desavenças no relacionamento. Alfredo diz: “[...] *então ele é, ele sabe o que ele acredita, ele tem um pensamento muito bem formado, e não estava disposto a estar em um relacionamento com quem ele não acreditasse que tinha um pensamento que concordava com o dele e também não estava disposto a esperar que eu aprendesse.*”

Alfredo sentia-se disposto a aprender, a se abrir para novas perspectivas, mas diz que não recebeu esse apoio de seu companheiro. Ele nunca havia entendido muito bem as pautas da esquerda, chegando a dizer que sentia-se, à época do relacionamento, interessado pelos pressupostos da direita enquanto ideologia política.

Para Alfredo, o momento em que começou a fazer com que o relacionamento não fosse mais saudável para si foi exatamente o período eleitoral. A partir disso, sentiu que seu

companheiro não se comportava como antes, parecia que não estava de todo presente na relação. Alfredo diz: “[...] *sendo bem sincero, ele passou a não se dedicar ao relacionamento como ele se dedicava antes. Então começou a ser uma coisa muito unilateral, dependia muito de mim, dependia muito da minha paciência, dependia muito do meu tempo, de eu me dispor, sempre me dispor, então passou a ser uma coisa em que eu oferecia muito e recebia muito pouco em troca, né.*”

A decisão por verbalizar, com seu companheiro, acerca do término partiu de Alfredo. Não foi uma decisão fácil, mas era o que precisava ser feito naquele momento. “[...] *foi uma escolha minha, o término se deu porque eu cheguei e falei “não, não dá mais, não consigo conviver com isso, tá me machucando, tá me maltratando”. Porque eu me sentia num relacionamento em que eu não era desejado né, eu sentia que o outro não queria mais minha presença, ou pelo menos não estava disposto a corresponder a maneira como eu queria me sentir desejado.*”

Perguntei para Alfredo como foi vivenciar as emoções que foram desencadeadas a partir da ruptura da relação, ao que ele me responde: “*Olha, o luto desse relacionamento foi profundamente penoso assim, foi muito difícil, porque eu me senti muito rejeitado, sabe, a palavra foi rejeição, muito, muito, muito rejeitado, porque eu tinha tido um outro relacionamento antes, eu tinha tido um outro término antes, que também partiu de mim, porque tava desgastado, o que a gente tava vivendo, [...], só que não chegou a ser um luto muito, muito penoso, aquele, naquele momento, porque era um relacionamento diferente, sabe. Com o *** [segundo namorado] eu senti, pela primeira vez, que eu amava.*”

Quando relata essas experiências, Alfredo traz o quão importante foi poder receber apoio da família e dos amigos, ser acolhido, ouvido, amparado em seus sentimentos, muitos deles desconhecidos e que ele não entendia o que estava sentindo. Em certo momento, inclusive, narra a questão do sentir-se privilegiado com essa possibilidade de ser verdadeiramente ouvido, sem julgamentos e/ou preconceitos. Alfredo diz que teve seu luto reconhecido, amparado, acolhido, tendo a possibilidade de conversar com sua irmã e seu cunhado acerca desta experiência: tudo era muito novo, um terreno desconhecido.

Por fim, outro ponto que considero primordial em sua narrativa, é que Alfredo traz a questão da maturidade de si, mesmo que nas entrelinhas. Junto com o término dos relacionamentos, houve crescimento pessoal em questões relacionadas, por exemplo, à política e também à questão de olhar para si e reconhecer-se enquanto prioridade, de afeto e cuidado. Alfredo espera que em seus futuros relacionamentos consiga colocar-se em prioridade, aceitar-se em suas limitações, mas também enxergando suas potencialidades.

3.5 Otávio

Otávio e eu também nos encontramos na clínica em que eu atuava. Nosso encontro aconteceu no dia 09/08/2021, às 10h, conforme sua disponibilidade. Otávio encontrou minha proposta de pesquisa na *internet*, um dos meios que utilizei para divulgação. Nosso encontro durou aproximadamente 50 minutos.

Nossa conversa foi rodeada por diversos assuntos: falamos sobre família, trabalho, estudos, lazer e relacionamentos. Otávio mostrou-se aberto a responder qualquer pergunta que fosse feita, explorando cada ponto de nosso diálogo.

De família evangélica, Otávio saiu da casa e da cidade dos pais há cerca de 2 anos, quando tinha 26 anos de idade, vindo morar em Maringá. Hoje, reside com o namorado em um apartamento alugado no centro da cidade, próximo ao seu trabalho. Sua profissão é a enfermagem, escolha que sente orgulho e que se debruça para aperfeiçoar e oferecer um trabalho ético e cuidadoso aos seus pacientes. Otávio me diz que se dedica ao estudo, fazendo cursos e aperfeiçoamentos na área.

Um dos pontos importantes dentre sua fala foi a questão da aceitação de si e de sua sexualidade. Em diversos momentos de sua vida, Otávio tentou ignorar sua homossexualidade, vendo-a como fruto do pecado, de algo errado, agarrando-se à ideia de que isso seria apenas uma fase e que logo ele iria conseguir sair dessa condição. Ele mesmo me diz que acredita, hoje, que esses pensamentos e a busca pela negação de quem ele é seja fruto de ter crescido no seio de uma família evangélica e muito ligada à igreja. Na juventude, ele fez parte do coral e tinha medo de que caso descobrissem acerca de sua sexualidade, ele fosse impedido de participar, de cantar.

É esperado que com tanto preconceito envolvendo seu passado e sua sexualidade, os efeitos na atualidade não passariam despercebidos, como acontece com muitos homossexuais: Otávio me confessa, um pouco envergonhado, que até hoje em alguns momentos sente que é errado ser homossexual, que isso é pecado. Ele logo trata de se justificar, dizendo que isso não tem relação alguma com seu relacionamento atual, mas sim consigo mesmo, suas próprias questões subjetivas.

Por vir de uma família evangélica, é esperado que não houvesse aceitação de sua sexualidade. Na adolescência e início da juventude, Otávio morava apenas com a mãe, pois seus pais haviam se separado há alguns anos. Por isso, em sua narrativa, Otávio diz que sentiu

muita falta do apoio de sua família durante seus processos de luto desencadeados pelo término de seus 2 relacionamentos afetivos; sua angústia maior era em não poder compartilhar, ser ouvido, dar detalhes do que estava sentindo e acontecendo consigo.

Acerca dos relacionamentos, Otávio me diz que quer falar de ambos, pois deixaram marcas importantes em si, inclusive pelo fato de acontecerem juntamente com o momento em que ele estava conhecendo sua própria sexualidade, tentando entender seus sentimentos e desejos. O primeiro relacionamento, em meio a tantos conflitos internos, também trouxe a possibilidade de amar e se sentir amado. Segundo Otávio *“[...] quando ele me pediu em namoro foi até uma surpresa, assim, e uma surpresa muito boa, porque eu me sentia muito completo naquele momento, de que eu posso ter esse sentimento, eu posso viver isso, e foi algo que eu fui vivenciando aos poucos e foi muito bom, assim, de relacionamento, de convivência.”*

Seu namorado, no entanto, não residia na mesma cidade, e eles costumavam se encontrar no período da noite quando Otávio ia para a faculdade. Com o tempo, foi ficando difícil lidar com a distância e, próximo ao término, ele sentia que ambos haviam se afastado. Ainda hoje, passado algum tempo e tendo tido outras experiências, Otávio se recorda do que sentiu à época: *“[...] foram alguns meses, assim, que eu sofri muito de não conseguir segurar o choro no trabalho, de sentir um vazio e um... uma sensação de abandono muito grande, assim, e eu pensava comigo mesmo de não tem essa necessidade, né, era um namoro, não era uma pessoa que tava no meu vínculo familiar, não foi uma morte, mas eu vivi tão intensamente aquele momento, assim, que até hoje eu tenho um carinho por ele, assim, de pensar a pessoa que ele é, mas quando eu lembro de... do nosso relacionamento, o que vem pra mim, o que pesa principalmente foi o sofrimento que eu tive.”*

Ainda sobre a família, Otávio traz a questão da ausência do suporte afetivo que sentiu quando do término do relacionamento. Os aspectos acima elencados foram balizadores para a sensação de desamparo que sentiu nos momentos em que desejava ser acolhido e ter tido suporte. *“Eu morava com minha mãe, os meus pais já eram separados, e saber que ela não aceitava a situação, é... do relacionamento homoafetivo, não poder contar com ela naquele momento, né, de não poder dar detalhes do que estava acontecendo.”*

Na igreja, ele também não pôde se abrir com ninguém, pelo medo da rejeição e das punições que iria sofrer caso soubessem de sua homossexualidade. Neste ambiente, vivenciou diversas situações de ambiguidade, pois sentia-se amparado por estar ali, em um espaço de religião e fé, mas ao mesmo tempo sentia que era uma pessoa vivendo em pecado, que estava fazendo algo errado e anormal.

Otávio chegava na igreja, sempre vestido “adequadamente”, isto é, camisa e calça social, conforme era esperado naquele ambiente, calçava sempre sapatos pretos, muito bem engraxados. Subia ao palco e com o microfone em mãos, ao cantar sentia paz, sentia a presença de Deus em si. Estar ali, no altar, em frente a tantas outras pessoas durante as celebrações dos cultos lhe trazia sensação de pertencimento. O medo de perder aquela possibilidade de estar no palco lhe trazia intensa angústia, e ele sabia que caso alguém descobrisse sua orientação sexual, ele seria punido, na forma de ser barrado de subir ao palco.

No ambiente de trabalho também era difícil, pois pessoas que frequentavam a igreja estavam também nestes espaços, visto ser uma cidade pequena do interior do Estado.

Certa vez, no trabalho, Otávio estava a ponto de explodir: não estava aguentando lidar com tanta dor e sofrimento em seu peito, sentia-se sufocado. A sensação se intensificava, ficando mais difícil, quando ele se lembrava que trabalhava na empresa de uma mulher da mesma igreja que ele. Logo, não poderia demonstrar que algo estava errado. *Vai que alguém desconfia!*

Assim, neste dia, fazia sol lá fora, mas dentro de si não havia luz alguma. Se levantou, foi até o banheiro e durante o trajeto tentou não olhar para ninguém, manteve seus olhos em um ponto fixo em frente, sem alvo específico. Desconfiava de sua capacidade de conseguir segurar o choro caso alguém mirasse os olhos em si. Não poderia arriscar.

No banheiro, entrou, fechou a porta e desabou. Chorou até soluçar, sentia que a cada segundo mais e mais lágrimas escorriam pelo seu rosto. Não se preocupou em controlá-las, não ali. Otávio chorava pelo fim do namoro, pela inexistência de rede de apoio e suporte para poder contar naquele momento, chorava por tudo o que não foi e, principalmente, por tudo o que poderia ter sido. Pelo “e se”.

A não aceitação dos outros frente à homossexualidade atravessou-o, inclusive, nos sentimentos relacionados ao seu luto, passando a não entender porque estava sofrendo “tanto”; ele não percebia que estava enlutado, que aquele sentimento era legítimo. Talvez, por isso Otávio traga em sua narrativa tantos sentimentos de solidão, rejeição e medo. Antes de não ter sido acolhido em seu pesar e seu luto, Otávio não pôde ter reconhecimento de suas relações.

Em seu segundo relacionamento, tendo passado alguns anos, Otávio chegou a morar com seu companheiro. Como estava no último ano da faculdade e seu curso era integral, ele precisaria se mudar para outra cidade e, com isso, ambos decidiram morar juntos. Haviam se conhecido poucos meses antes na faculdade mesmo, e a relação foi tomando corpo. Seu namorado era aproximadamente dez anos mais velho que ele. Morar junto, segundo Otávio, exigia de si coragem: a coragem de falar para a família, de enfrentar os pais e lidar com as

consequências, principalmente com as reações de inconformismo e choro de sua mãe, que eram constantes.

O término deste relacionamento partiu de Otávio: ele foi percebendo que a conexão entre eles não estava do jeito que ele desejava, sentia o namorado distante. Assim, com a chegada do término da faculdade, ele decide retornar para sua cidade natal e morar com a mãe outra vez, que o aceita em casa. Otávio me diz que sua mãe o influenciou nesta tomada de decisão, mas ele diz que não foi pressionado. *“Eu me sentia mais maduro e foi uma decisão que eu achei importante pra mim, eu vivenciei todo o relacionamento com ele, tanto as partes boas e as partes, né, negativas, assim, e eu vejo muito como um aprendizado. E quando a gente teve idas e vindas, assim, muito intensas e frequentes, assim, próximos do fim. E quando eu tomei a decisão de terminar, eu tive paz, não tive esse sentimento de abandono, de... esse sofrimento mais atenuado, assim, eu não tive.”*

Com este segundo relacionamento, Otávio conseguiu contar com o apoio de novos amigos que havia feito na faculdade. Sua rede de apoio havia sido ampliada e, inclusive, a mãe o acolheu, mesmo que de maneira evitativa em alguns momentos - como ele diz, ela sugeriu que ele voltasse para casa. Passou a olhar seu relacionamento e perceber o que havia de tóxico, como por exemplo comportamentos e falas grosseiras de seu namorado e a sensação de dominação que ele sentia no aspecto financeiro, visto que à época seus pais ainda o auxiliava financeiramente, pois estava no último ano da faculdade e não conseguia trabalhar.

Hoje, quando Otávio revisita sua história, diz: *“Eu acho que o meu crescimento, assim, quando eu olho pra mim naquele momento, né, de sofrimento, de dor, de... de tristeza tão profundos, e aquele sentimento de abandono, de solidão, que eu... o que mais me pesou, sempre assim foi a sensação de solidão, né, por mais que eu sabia que tinha os meus amigos, meus familiares ali, mas era a sensação de solidão muito grande naquele momento, assim. E eu olho hoje e vejo assim que não tenho mais isso. Eu cresci nisso, de entender que eu não, não estou sozinho, né. Eu posso estar sozinho sem ninguém aqui ao meu lado, mas que eu consigo, hoje, me fazer uma companhia, assim, necessária.”*

Otávio conseguiu trilhar seu caminho, continuar a construir sua história em um novo espaço, com novas pessoas, novas perspectivas de vida e existência. Hoje, com seu terceiro namorado, Otávio busca construir um novo repertório de vida e olhar para seus desejos. Ampliando seu meio, amplia-se também a possibilidade do novo, isto é, novos vínculos e outras possibilidades de enxergar-se e reconhecer-se enquanto uma pessoa com direito à vida e, também, ao luto.

3.6 Daniel

Meu encontro com Daniel aconteceu de maneira online, visto que ele reside em outro Estado do país. Nos encontramos em 11/08/2021 e nossa conversa durou aproximadamente 50 minutos. Enquanto falava de si e revisitava diversos acontecimentos de sua vida, Daniel chorou, sua voz embargava, precisava pausar. Pausando, respirava fundo e seguia.

- Desculpa - Ele me disse. - Para mim é um pouco doloroso revisitar esses eventos, apesar de que eu sei que isso é bom pra mim, faz com que eu fique frente a frente comigo mesmo.

Confesso aqui que tive vontade de abraçá-lo em alguns momentos, talvez pela semelhança de alguns acontecimentos em nossas vidas, talvez pelo desejo de cuidar, de amparar. Daniel é um rapaz de 26 anos, cabelos encaracolados em tom de mel, olhos claros, verdes. Atualmente mora com seus pais, pois precisou sair de seu apartamento. Isso o incomoda, pois sente falta de seu espaço, sua privacidade. No entanto, segundo ele, isso é temporário: logo conseguirá se organizar financeiramente e voltar a ter um espaço só seu. Estudante da área de Letras, cursa pós-graduação em Estudos Linguísticos, tendo grande apreço e interesse pelas artes, pelas leituras e comunicação.

- Hoje eu tenho um podcast com um amigo meu - Me diz, empolgado e posso ver brilho em seus olhos- Isso começou na pandemia e estamos mantendo. É bem legal e me faz bem.

Quando começamos a abordar a questão da sua sexualidade, Daniel me disse que nunca foi algo tranquilo lidar com este tema em sua vida. Olhar para si e encarar-se enquanto homossexual, conseguir verbalizar e fazer-se ouvir pelo outro (e inclusive ouvir a si próprio) é tarefa que por muito tempo doeu e exigiu muito de si.

A criação em uma família religiosa, composta por um pai que cursa Teologia e a mãe que é ministra eucarística, durante toda uma vida fez com que Daniel se fechasse para sua sexualidade e tivesse grandes barreiras no processo de autoaceitação. Ademais, Daniel me diz que sua criação se deu de maneira em que a família não costumava demonstrar afeto, verbalizar sobre sentimentos e emoções. Assim, foi apenas após o início de seu processo de psicoterapia que ele conseguiu passar a se expressar, ou segundo ele: explodir e não implodir.

Daniel e seu companheiro, que aqui chamaremos de Carlos, se conheceram pelo aplicativo de relacionamentos *Tinder*. Após alguns encontros, decidiram que iriam namorar, estabelecer uma relação mais intensa e próxima. Foram três anos de companheirismo e trocas de afetos. O término do relacionamento partiu do Carlos, onde Daniel diz que não imaginava

que isso iria acontecer, pois para ele ambos estavam bem. No entanto, hoje, Daniel se sente culpado/responsável pelo término, pois acredita que faltou dar mais de si, isto é, estar mais presente e seguro no relacionamento com outra pessoa. Também, outra dificuldade no relacionamento que, segundo ele, influenciou no término foi a questão da sua sexualidade e dos conflitos que encarava consigo mesmo, em seu interior, mas que acabavam por transparecer: a falta de aceitação familiar e sua dificuldade em se expressar e falar sobre seus sentimentos e emoções.

Na questão afetiva em sua família, algo que ficou muito marcado enquanto eu o ouvia falar foi a questão do não acolhimento, em que evidenciou-se uma intensa sensação de desamparo e rejeição. No rompimento de seu namoro, que durou aproximadamente 3 anos, sendo seu primeiro relacionamento, Daniel sentiu falta do colo e do cuidado da família. Segundo ele, teve que sofrer sozinho, trancado em casa pois estávamos no início da pandemia da Covid-19 e, com isso, as medidas de distanciamento social começaram a surgir, limitando os encontros e a proximidade com as pessoas.

Daniel narra um episódio que aconteceu com sua família, onde ele não sentiu validação ou acolhimento, mesmo em um momento de intenso sofrimento: *“[...] eu lembro que tipo, eu terminei, aí fiquei tipo uma semana, muito, [...], muito recluso, e conversando muito com meus amigos e não interagia muito com meus pais, etc, e aí meus irmãos já não moram aqui também, meus irmãos já são casados, e aí foi num domingo assim que eu fui contar que eu tinha terminado, e [...], eu tava tipo assim, destruído na frente deles assim, e [...] não chegou aquilo ali sabe, tipo assim, eu fico pensando, nem naquele momento chegou aquilo ali, e não chegou pra eles assim de alguma maneira. E meu pai fez um comentário meio que tipo assim “ai, as vezes é pro melhor”, sabe essas coisas idiotas? “Ai, reza. [...] Minha mãe ela é mais, ela é mais, ela ficou mais tipo assim, escutando, não teve coisa muita assim não. Não teve um suporte, não teve um acolhimento naquilo.”*

Daniel sentiu-se desamparado e rejeitado. Foi para seu quarto, trancou a porta, deitou na cama e chorou. Seu choro era não só pela perda de seu namorado em si, mas também pela perda da família de Carlos, que ele considerava enquanto muito especial e que o acolhia. Naquele dia, passou a tarde toda no quarto, não levantou da cama nem para comer. Em certo momento, pegou o celular, enviou mensagem para os amigos, mas não desenvolveu um diálogo. Ele apenas queria saber se estavam ali, presentes, mesmo que distantes geograficamente.

Assim, Daniel compara sua situação com o vivido por suas irmãs e irmãos, que são heterossexuais: *“[...] o que eu esperava, era que tipo assim, eu tivesse [...] suporte familiar,*

que por exemplo, existe com meus irmãos né, com meu irmão e com minha irmã, que são cisgêneros e são heterossexuais[...] os dois, [...] e não teve isso. Então, eu acho que... não era falado. Era meio tipo assim eu estava ali doente e ninguém fazia muito nada sobre.”

Com a pandemia, Daniel não conseguia estar presencialmente com os amigos, não conseguia sentir o toque, o abraço dos seus. Logo, não teve outro jeito: Daniel teve que encarar de frente tudo o que sentia, a intensidade de emoções desconhecidas e que doíam. Chegou, inclusive, a pedir para um de seus amigos, este que trabalhava com *tarot*, para que lesse nas cartas seu futuro e mostrasse quando ele iria “superar” tanta dor e sofrimento.

- Amigo, sinto muito, mas isso ainda vai demorar para passar.

Falando deste relacionamento que se rompeu, enquanto ele ainda existia, Daniel relata que não conseguiu gozar da relação em sua plenitude, pois era como se houvesse uma sombra muito intensa da família, principalmente de sua mãe, que o assombrava e não permitia que ele se entregasse por inteiro, pois sentia que aquilo não era certo.

É importante pontuar, conforme ele narra, que a mãe, inclusive, trancava-se no quarto quando Daniel levava ocasionalmente o namorado para casa, isso quando o relacionamento já existia a mais de 1 ano. Sua mãe não aceitava ver seu namorado, preferia fechar-se em seu próprio espaço. Nas palavras de Daniel, quando fala sobre essa presença de sua mãe em seus relacionamentos, Daniel diz: “[...] durante o relacionamento e por causa dessa questão com a família, eu era muito... eu era muito... nem sei a palavra, mas meio que tipo assim... eu não tava 100% ali de uma certa maneira, eu tava meio que sempre com... com.... com medo, ou com... não estava 100 % confortável, um pé atrás em várias situações.”

Essa questão com a família traz muito forte a violência presente em sua relação com os pais, em que segundo ele, seu pai sempre foi uma pessoa violenta, agressiva e que, mesmo sem levantar a mão para agredir, é capaz de ferir com palavras, olhares e gestos. Daniel traz que seu pai sempre fora uma pessoa intolerante, em que os pequenos detalhes já significavam algum tipo de agressão ou explosão por parte de si. Com a mãe podemos perceber que não é diferente: a violência velada, não escancarada, mas que atravessa sua subjetividade e identidade também marcam profundamente Daniel.

Apesar da distância física causada pela pandemia, Daniel pôde contar com os amigos durante o término, através do WhatsApp e outras redes sociais. Ele estava sempre em contato, buscava sempre a presença virtual dos amigos, inclusive se culpa que talvez tenha “enchido muito o saco” com suas lamentações e lágrimas, ele me diz, mas sente imensa gratidão por poder contar com eles, mesmo que poucos, mas que o acolheram. Ele complementa: “*Porque*

tem um conforto, eu acho, e eu acho que meus amigos me davam muito um conforto de uma autoestima, assim, sabe...”

Ainda, sobre os amigos, ele complementa: *“Os meus amigos são muito foadas assim, porque eles são muito compreensíveis, no sentido de tipo assim, eles não são só aquele tipo de amigo que vai ficar assim “ai, deixa disso”, “ai, entra em qualquer aplicativo, ai começa a sair com não sei o que, não sei o que”, eles estavam, assim, realmente dispostos a me fazer companhia mesmo, mesmo que virtual, e também me escutarem assim, e eu acho que dá uma levantada na minha moral, mesmo que muitas vezes eles nem tivessem tantas coisas pra falar, porque às vezes eu me repetia muito, né, na questão, eles estavam meio ali, como esse outro, essa amizade, pra poder me ouvir, e a gente trocar uma ideia.”*

Enquanto falava sobre seus amigos e seu processo de ruptura, Daniel trouxe seus recursos de enfrentamento para vivenciar as situações que acontecem em sua vida: foram os estudos, o trabalho, as mudanças internas e externas também, pois hoje percebe que deixou o cabelo crescer, colocou brinco e se veste de maneira diferente.

Interessante, inclusive, pontuar que Daniel teve esse insight durante a entrevista, em que disse o seguinte trecho que aqui faço questão de transcrever: *“[...] tô olhando aqui na câmera, me vendo, eu mudei até fisicamente assim, durante o término. Eu acho que antes eu era muito mais, eu tinha um visual muito mais, um comportamento, não era só visual, era uma maneira de me portar, enfim, muito de “filhinho de mamãe””.*

Ainda sobre essas mudanças, ele diz: *“[...] hoje eu acho que, eu acho que, eu não sei, eu me sinto muito mais maduro, em comparação com antes, e eu acho que também tem muitas coisas que eu não sabia muito bem né, o primeiro relacionamento, o primeiro término, acho que provavelmente uma primeira grande decepção amorosa, acho que foi tudo ali. [...] hoje eu me sinto muito mais, muito mais autêntico, assim, de uma certa maneira. Muito mais maduro.”*

É como se Daniel, então, rompesse com o passado, fechasse alguns ciclos que, inclusive, relacionam-se com a família (a mãe) e buscasse novos horizontes e formas de caminhar. Dizem que o luto tem essa capacidade: nos transformar, já que nunca mais seremos a mesma pessoa após a experiência de uma perda...Sim, nunca mais, e talvez seja essa irreversibilidade que tanto nos assusta e, por um momento, fragiliza.

PARTE 4

OUTRA ERA A VEZ: TRAJETÓRIAS QUE NÃO SE FINDAM

“[...] Tudo se amaciava na tristeza. Até o dia; isto era: já o vir da noite. Porém, o subir da noitinha é sempre e sofrido assim, em toda a parte. O silêncio saía de seus guardados. O menino, timorato, aquietava-se com o próprio quebranto: alguma força, nele, trabalhava para arraigar raízes, aumentar-lhe a alma.”

João Guimarães Rosa
(Primeiras estórias, São Paulo: Global, 2019).

Na busca por ouvir diferentes histórias, nos deparamos no mesmo caminho com diferentes afetações nos/dos encontros: alegria, angústia, incômodo, preocupação. O físico reage, o coração pulsa mais forte, o emocional faz-se presente.

Um desses encontros aconteceu em 2020 quando, ainda no início da pandemia, fui desligado de meu trabalho. Eu havia me mudado para Maringá, pois com o início do mestrado também se iniciaria uma nova jornada para mim; larguei um emprego seguro e me lancei ao desconhecido. Com o desligamento, abalado e em lágrimas, enviei uma mensagem para meu orientador relatando o que havia ocorrido e pedindo que, se ele soubesse de alguma vaga de emprego, por favor, me informasse.

Mas, naquela mesma conversa, Murilo me convidou para participar de um curso de extensão que ele estava organizando na universidade, que girava em torno da obra de João Guimarães Rosa e a interlocução com temas da psicologia. O convite era para que eu participasse de uma conversa com ele discutindo o conto *Às margens da alegria*, realizando uma conexão com a temática do luto. Claro que aceitei, afinal era meu orientador me convidando para um projeto e, mesmo com insegurança e medo, disse sim. Essa foi, então, a primeira vez que me debrucei no trabalho deste autor, lendo este e outros contos a fim de que pudesse contribuir na proposta do projeto.

Mas pode ser que você se pergunte: mas qual a relação entre este fato e este trabalho? Explico: faço essa breve introdução para dizer que hoje, aqui escrevendo as palavras finais da minha dissertação, pouco mais de dois anos depois do convite, percebo que este encontro não foi ao acaso: havia em mim e no menino do conto a sensação da perda, da frustração, da imagem castradora que a vida real, como ninguém, nos impõe: era o menino que havia visto a morte de frente pela primeira vez quando mataram seu Peru; era o estudante que havia sido posto à vulnerabilidade ao perder seu emprego, correr o risco de ter que voltar para sua cidade de origem e perder a imagem idealizada do recomeço e seus ganhos. Dois personagens, dois meninos, divididos pela ficção e pela vida real, mas unidos por narrativas infames de acontecimentos difíceis em vidas comuns, capazes de transformar toda uma história, deixando marcas e que, futuramente, *Outra era a vez*, puderam ressignificar: o menino com os novos encontros, eu com as novas possibilidades profissionais e afetivas.

E é por isso, então, que chamo este capítulo final de *Outra era a vez: trajetórias que não se findam*. Nem esse encontro acima relatado, nem os encontros que aconteceram com os seis participantes da pesquisa foram ao acaso e, no fundo, findaram-se. Cada encontro teve seu significado, sua potência, seus afetos e afetações em mim. Percebo, hoje, que muitas histórias se (re)encontram em momentos posteriores, mantém a conexão. As narrativas aqui concebidas,

a produção de dados que aconteceu quando me propus a ouvir cada participante mas, antes disso, quando eles aceitaram compartilhar suas experiências, foram uma maneira de eu me afetar e sentir, junto com cada um deles, a capacidade que há em buscar os recomeços, de produzir sentido no infame, no escuro, na margem. Dar voz ao que foi silenciado.

Caminhos e trajetórias não possuem fim, mas sim pausas; é no não parar, tomar fôlego e continuar que temos a capacidade de ir mais longe, de mirar novos horizontes, tecer outras possibilidades. Uma trajetória também não se finda porque as narrativas que podem ser produzidas a partir delas não possuem um ponto fixo, um destino a chegar. É a aplicação metafísica da vida, dos acontecimentos, daquilo que transcende ao relatável e concreto.

Cada uma das seis histórias aqui narradas apresentam pontos particulares, específicos, de vivências que não são possíveis de serem revividas exatamente pela individualidade que há nas experiências. Ao falarmos de luto, as teorias têm apontado que alguns elementos podem aparecer universalmente no fenômeno, mas não podemos, de maneira alguma, buscar classificar e generalizar as experiências que cada pessoa experimenta, exatamente pela unicidade dos vínculos e das relações outrora formadas.

É preciso ampliar nossos olhares e leituras para além de categorizações do luto em fases, como já destacado anteriormente. Ademais, mesmo compreendendo hoje o luto enquanto um processo que envolve a dualidade de movimentos (movimento que hora se direciona para a perda em si, hora para a restauração), é importante que haja uma leitura que leve em consideração, sempre, as singularidades de cada pessoa, respeitando seus recursos de enfrentamento e, ainda, a história da relação que foi rompida, com um olhar sensível e atento para como o vínculo foi criado, mantido e rompido.

As narrativas aqui compartilhadas são de vidas infames, como pontua Foucault (2004) ao se referir à existência de pessoas comuns e que não possuem fama, por isso o movimento contrário - a infâmia. No entanto, são vidas singulares, vidas marcadas inúmeras vezes por atos violentos, como o não reconhecimento das relações que fogem à heterossexualidade, por exemplo, e com isso a produção de discursos e exclusões que insistem em colocar essas pessoas à margem da existência, em relações de poder-controle que, inclusive, controlam o que é dito/produzido frente à memória dessas pessoas. Sobre essa relação, veja o que diz o autor:

O ponto mais intenso das vidas, aquele em que se concentra sua energia, é bem ali onde elas se chocam com o poder, se debatem com ele, tentam utilizar suas forças ou escapar de suas armadilhas. As falas breves e estridentes que vão e vêm entre o poder e as existências as mais essenciais, sem dúvida, são para estas o único monumento que jamais lhes foi concedido; é o que lhes dá,

para atravessar o tempo, o pouco de ruído, o breve clarão que as traz até nós (Foucault, 2004, p. 208).

Do mesmo modo Foucault (2004) busca olhar para as vidas relatadas como sendo poemas-vidas, em um ato de resistência, aqui busquei o mesmo movimento, não visando a produção de Verdades (com v maiúsculo) mas sim a produção do verossímil, ou seja, de verdades múltiplas, que podem ser verdadeira(s) e coexistirem, em um rizoma².

Foucault (2004) ao olhar para vidas que, não tendo sido importantes para/na história, não desempenhando papéis entre pessoas ditas “apreciáveis”, vidas que não terão existência, percebe que tais vidas apenas se tornam realizáveis pelas palavras ditas pelo outro, ou seja, caem na armadilha da linguagem, do poder que controla o que vai ser dito acerca de algo ou alguém. O autor brilhantemente traça um paralelo em seu texto ao olhar para aquilo que resta sobre determinadas existências, sua herança e marca.

Com isso, ao nos propormos escrever sobre determinados modos de vida, acabamos por produzir modos corretos e esperados de se viver, o que é um engodo. Com isso, caímos em um paradoxo: ao possibilitar espaço para a discussão de vidas infames, corremos o risco de colocá-las em teorias, enquadrar modos de viver, produzir classificações teóricas que definem, cerceiam e limitam modos de existir no mundo. Não seria esta, também, uma maneira de violentar determinadas existências, produzindo discursos que falam pelos outros?

Acredito ser importante contextualizar o que busca o autor. Foucault (2004) realiza a leitura de documentos e notícias antigas, datadas entre o período de 1660-1760, que retratavam acontecimentos com pessoas infames. A partir disso, traçando uma conexão com a contemporaneidade, é possível constatar que a noção de homens infames não se restringe apenas a esse tempo: elas podem se estender a diferentes tempos e locais. Como exemplo, tomemos o tema estudado neste trabalho e a relação que há entre os corpos possíveis de serem enlutados e os que não são - o paralelo que há entre vidas dotadas de fama (reconhecimento social) e as infames.

Em concordância e complementando as ideias do autor, Azevedo, Henz e Rodrigues (2019) sinalizam que, no ato de pesquisar, nós enquanto pessoas constituímos modos distintos de ver, dizer, sentir e, inclusive, agir em relação às vidas das pessoas nas quais nos debruçamos. Como consequente caminho, no ato de escrever, de narrar, produzimos o que até então não

² Deleuze e Guattari (2011) utilizam o conceito de rizoma, oriundo da botânica, para compreender a multiplicidade dos indivíduos através de uma perspectiva de fluxos e que dê atenção para a singularidade desses sujeitos. Assim, um rizoma liga-se à ideia de diversas realidades possíveis de se coexistirem, como as raízes das plantas, sem um centro único e determinante.

sabíamos. É na possibilidade de ver o infame que podemos chegar ao que até então era dito e posto como modelos garantidos e únicos e, assim, transcender, visando a produção de dados “no lugar de” ao invés de “para uso de”, isto é, produzir novos territórios que não busquem responder questões previamente estipuladas, conhecidas.

Sendo assim, ter acolhido os relatos das pessoas aqui entrevistadas neste movimento de produção de dados e não de coleta, não visando o *uso* do que se produz, mas sim o *lugar* na qual são produzidos tais dados, me permitiu sentir diversas reações, inclusive no corpo, no físico. Eu, enquanto pesquisador, cheguei imbuído de (pré)conceitos, visões e hipóteses iniciais do que esperava encontrar. Surpreendi-me, pois alcancei diferentes discursos, realidades distintas que me fizeram enxergar as possibilidades plurais de ressignificação das rupturas de relacionamentos e, inclusive, das diferentes formas possíveis de se relacionar com o outro.

A vida de homens gays que vivenciaram processos de rupturas, sejam por mortes concretas, como foi o caso de Olímpico que perdeu o noivo por um tumor cerebral, seja por relações que se findaram em vida, como Rodrigo, Ulisses, Alfredo, Otávio e Daniel, meu olhar deu-se no sentido de: como esses homens infames poderão ter este acontecimento, a perda, reconhecida socialmente? Qual seria o espaço possibilitado para que essas vidas, suas narrativas e produções fossem tomadas como importantes e que, assim, saíssem de um lugar desprezível?

Mas, na medida em que me debrucei sobre seus relatos, pude principalmente refletir: quais possibilidades de construção de uma vida vivível se faziam ali? Quero dizer que, para além da dimensão do reconhecimento social do luto, sobressaiu-se o modo como cada um deles inventou uma possibilidade de viver tanto a relação quanto o seu luto. De modo algum isso diminui a importância posta na literatura de que as relações entre homens precisam ser reconhecidas socialmente e que isso estabelece melhores condições para a vivência da relação e do luto. Mas o deslocamento da questão (do reconhecimento para as possibilidades e inventividades) permite-nos sustentar um olhar para a força que atravessa essas histórias, que não espera por autorização ou reconhecimento e que por isso cria um mundo ao afirmar-se na singularidade de sua diferença.

Retomando a narrativa de Olímpico, o primeiro participante, como elucidado acima, ele foi o único dentre os seis que teve sua relação interrompida abruptamente pela morte. Estamos falando, então, de uma relação marcada e impressa na finitude dos corpos, da vulnerabilidade da existência. Seu relato foi permeado pela saudade, pela revolta do fim que não era desejo de nenhum dos dois, atravessado pelo adoecimento e morte.

Diversas perguntas são possíveis de serem feitas quando olhamos para sua história: será que existe o desejo de afirmação, por exemplo, da intensidade da relação entre ele e seu companheiro e por isso ele aceita participar da pesquisa? O retorno às lembranças, ao vivido, é um desejo de continuar narrando o que lhe aconteceu? Assim, dizemos que ao olhar para Olímpico, é preciso que haja sensibilidade e calma: caso nos apressemos, somos facilmente passíveis de cair na armadilha das categorizações e normatividades das emoções e dos sentimentos, na medida em que, pautado em uma psicologia classificatória e normativa, as vivências e respostas de Olímpico nos remetem facilmente para elementos complicadores do processo de luto. No entanto, se olhamos mais de perto e com mais afinco, logo percebemos que são respostas esperadas e que fazem parte do processo do luto. O que encontro em Olímpico é uma força em dizer de uma história e relação que, mesmo sendo negada socialmente, segue sendo afirmada por ele.

No luto, não raras vezes, as pessoas ao redor do enlutado anseiam pela continuidade da vida, pelo “superar o luto” e seguir em frente. Olímpico é uma pessoa que vivencia suas emoções a seu próprio tempo e resiste às tentativas sociais de acelerarem seu processo. Ao olhar para seu luto, Olímpico mergulha em suas dores e, por isso, causa efeitos nas pessoas ao seu redor, causa choque, preocupação, “*mas ainda?*”, como disse sua mãe, por exemplo.

Provoco: e se para Olímpico a vida, hoje, conforme ele diz, realmente não faz mais sentido? E se para ele o fim seja uma saída e não algo a ser evitado? Qual a autonomia de um corpo frente ao desejo? Não sair do quarto talvez signifique não continuar a viver? A psicologia tem medo da morte, mas talvez Olímpico não. Olímpico vivenciou um fim, o mais terrível para si até então, que foi a perda de seu companheiro. O que vem depois, não lhe parece mais assustador.

Diante do luto de Olímpico é fácil ser tomado pelo sentimento aflito que move a necessidade de categorizar seu luto como complicado: é um jovem que prefere viver recluso em seu quarto. Esse é o modo que ele vive e que interroga nossas teorias sobre o luto na medida em que sustenta-o como um modo de viver, e não uma passagem. Vive-se o luto, não passa-se por ele. Esse modo de viver o luto afirmado por Olímpico parece trazer à superfície uma interrogação fundamental: que vida vale a pena ser vivida?

Interrogar-se sobre isso é problematizar um campo que parece muito apressadamente sedimentado na Psicologia que ocupa-se do luto e que determina a vida como valor absoluto. A singularidade de Olímpico rasga a generalização que trata *da* vida e coloca em cena *uma* vida. E, por mais que possamos desejar que o jovem Olímpico encontre maneiras alegres de conectar-se com sua vida, que saia de seu quarto e que encontre novos amores, precisamos

também com ele reconhecer que essa não pode ser uma vida qualquer, tampouco um outro amor qualquer.

Já em um movimento contrário, Rodrigo faz do luto uma possibilidade de aprendizagem e de crescimento, rompendo com noções compulsórias da heterossexualidade que lhe atravessam a biografia desde a infância. Para ele, o luto configurou-se como um momento de experimentação de si, em uma procura por reencontrar-se frente à nova realidade que se instalou, uma realidade, a saber, que partiu de sua própria escolha. Importante destacar que em nossa sociedade patriarcal, este elemento da compulsoriedade heterossexual e relacional atravessa a vida das pessoas, seja pela busca de estabelecimento de relacionamentos, no movimento de emparelhar-se com outro corpo (mas veja bem: um corpo heterossexual) ou seja pela construção da instituição familiar, elemento presente em seu discurso quando diz que foi criado para ser hétero e para ter uma família.

Nestes movimentos de Rodrigo, podemos nos perguntar: o que move o desejo de cumprir papéis socialmente esperados e designados? Quanto a heteronormatividade e sua compulsoriedade desempenham papéis em nossa subjetividade na medida em que designa caminhos possíveis (e corretos) para experienciar nossa sexualidade? Quem determina o que é correto ou incorreto?

Sobre este elemento da normatividade, faço um ponto com algo que me afetou durante a realização do encontro com Rodrigo. Como elucidado anteriormente em sua narrativa, esperei ouvir uma história diferente da que ele trouxe; esperava ouvir os sentimentos desencadeados por uma ruptura geradora de sofrimento e isolamento pela total não aceitação social de seu luto e da experiência de viver um relacionamento não heterossexual. Ao contrário, Rodrigo me traz o relato de um luto que foi acolhido, amparado e possibilitador de novos significados e sentidos. É certo que precisamos olhar para dois marcadores sociais no qual Rodrigo insere-se: homem branco e de classe média. Esses elementos são importantes para que possamos compreender quais são os espaços em que tende a haver maior possibilidade de acolhimento e validação social frente ao relacionamento e consequente ruptura.

Não obstante, sobre minhas expectativas, a isso conecto com a noção normativa de psicologia que há em mim e que está em processo de contínua desconstrução, movimento este que se faz fundamental, na medida em que a psicologia precisa atuar e olhar para as diferenças, para os corpos múltiplos e que, por isso, não pode ser generalista e classificatória.

Como bem pontua Preciado (2022) ao dirigir-se para uma platéia composta por centenas de psicanalistas, é importante que a psicanálise, e aqui amplio tal crítica para a psicologia e a psiquiatria, rompam com noções patogênicas dos corpos, das diferenças, quando buscam gerir

um enquadramento das existências que em seus discursos e práticas clínicas criam “monstros”, principalmente nos corpos que fogem à normatividade. Sobre esta noção de monstro, o autor explica que “o monstro é aquele que vive em transição. Aquele cujo rosto, corpo e práticas não podem ainda ser considerados verdadeiros em um regime de saber e poder determinados (Preciado, 2022, p. 36).” Isto é, o regime da diferença sexual opera de maneira violenta e radical, inclusive e principalmente nos discursos profissionais, necessitando de uma urgente revisão de suas teorias e pressupostos na contemporaneidade.

Desta forma, enquanto Rodrigo experimenta de si, ele vai cada vez mais longe da norma: da busca de um relacionamento heterossexual e monogâmico, amplia possibilidades, cria novos trajetos e linhas de existência. Logo, mais difícil fica de enquadrar sua experiência e, com isso, de reconhecer seu luto socialmente, visto que o reconhecimento social passa pela matriz normativa imposta por esta mesma sociedade. Em sua vida, Rodrigo cria uma trajetória de singularização e segue seu caminho, desafiando-se e fugindo à norma e às rotulações no que se refere à sexualidade e às formas de se estabelecer relacionamentos. Com isso, a vivência do luto abre-se para uma experimentação de si mesmo, colocando em suspensão modos já habituais de viver. Nesse sentido, ele passa a produzir espaço e liberdade.

Ainda sobre esta possibilidade do luto enquanto um processo de aprendizagem de si, Ulisses e Alfredo também fizeram de suas vivências recursos para crescimento pessoal e para a experimentação do novo. Ulisses buscou em outros espaços geográficos, em outros bandos, a possibilidade de encontrar-se e de sentir-se pertencente. Buscou em novos circuitos o sentimento e o desejo de poder ser quem quiser, sem ser o alvo de olhares e comportamentos hostis e violentos, como acontecia em sua casa.

Desta forma, Ulisses vai ao encontro de novas formas de viver que rompem com enquadramentos e expectativas de terceiros, principalmente de seu pai. Podemos pensar, assim, como a experiência de romper um relacionamento afetivo-sexual lhe possibilitou a possibilidade de viver outros tantos relacionamentos que, não sendo desta ordem, puderam lhe proporcionar sensação de pertencimento e alívio. Encontrar um bando, um circuito, lhe fez sentir-se acolhido. É preciso, então, compreendermos como somos seres sociais, que nos constituímos nos espaços com os outros, em nossos territórios. Vivemos, existimos e experimentamos o mundo em rede, sempre em conexão com os outros, de maneira direta ou indireta. Pensar em nossas redes relacionais é pensar inclusive nas autorizações para podermos experimentar e transitar em diferentes espaços.

Alfredo, neste caminho, também pôde aprender, inclusive, novas compreensões políticas relacionadas ao direito ao corpo, aos relacionamentos, à existência. Sua própria

sexualidade, seus desejos e vontades enquanto dispositivos que merecem atenção e respeito. Quando Alfredo fala das divergências políticas partidárias que teve com seu ex-companheiro, fala também de um local que até então lhe era cômodo: ele nunca havia precisado encarar situações de não reconhecimento social de sua sexualidade, pois ocupava um espaço de privilégios.

Já Otávio, em contrapartida, traz em sua história a marca de ser inscrito em uma família evangélica e atuante no contexto religioso, o que carrega consigo crenças que acabam por serem homofóbicas e discriminatórias em diversos sentidos. A religião atravessa a sexualidade de Otávio no caminho de (não) autorização ao (não) poder gozá-la e viver da maneira que seu desejo direciona e urge.

Neste caminho, podemos perguntar: quem nos autoriza a viver nossos desejos? Por que alguns espaços acolhem nossos desejos e outros, ao contrário, buscam o enquadramento e cerceamento destes? Assim, é como se Otávio vivesse à margem de si e de suas vontades. Sua sexualidade passa a ser colocada na ordem da inferioridade, do pecado, como ele mesmo elucida diversas vezes em sua narrativa. Inclusive, a questão do pecado é algo que, mesmo hoje vivendo com seu companheiro há alguns anos, em seu interior, no íntimo, ainda age de maneira a fazer com que ele se questione acerca de si e dos caminhos que vive.

No entanto, é preciso dizer que Otávio insiste, busca um movimento de resistência e continua a olhar para seu desejo, na busca de estabelecer novas relações, de adaptar e lutar contra os sentimentos que insistem em lhe dizer que vive em pecado. É o desejo que pulsa e que move.

Daniel também tem algo muito forte com a religião atravessado em si: seus pais, por serem pessoas ligadas à igreja católica, sendo a mãe ministra eucarística e o pai graduando em Teologia, percebe o peso da religião em si: são falas, gestos, olhares que os pais direcionam para si e que, por si só, acabam por serem violentos. A falta de acolhimento no término com seu companheiro, a quase súplica por acolhimento...

No entanto, assim como Rodrigo e Ulisses, Daniel faz da sua experiência de luto um momento de voltar-se para si, buscar dentro de si recursos para enfrentar a situação que se impõe e, com isso, percebe que já não é mais o mesmo. São nos momentos de distração, como enquanto fazíamos a entrevista, que ele olha para a câmera de seu computador e dá-se conta de que não é mais o mesmo: o filhinho da mamãe, como ele mesmo disse, já não mais existe, dando lugar a um novo EU, permeado por um corpo que resiste, que vai se tornando livre, que passa a reconhecer-se através das experiências que viveu.

Portanto, com estes diversos encontros, não buscamos produzir respostas universais para nossa questão norteadora. Ao contrário, o que aqui buscamos foi possibilitar um espaço nesta produção do sensível, ou seja, que direcionássemos um olhar diferente para tantas histórias, tantas vidas não tidas como reais, legítimas, mas sim despossuídas de reconhecimento e de direito, inclusive, ao luto.

Logo, é preciso olhar para a multiplicidade, mas reconhecê-la de maneira efetiva, como assinalam Deleuze e Guattari (2011):

[...] é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo. As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades [...] Uma multiplicidade não tem nenhum sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas (Deleuze & Guattari, 2011, p. 23).

Portanto, creio em produções futuras que ampliem a temática, mas espero que sejam materiais que não percam de vista a noção que Foucault (2004) traz e que acima eu cito, mas repito com destaque: que olhemos para essas vidas como sendo poemas, vidas que possuem beleza e que exatamente por isso merecem ser contadas, compartilhadas, em sua totalidade e respeitando sua integridade. São os **poemas-vidas**, são vidas que passam por perdas, por violências, sofrimentos, mas que também encontram a beleza durante a caminhada, se ressignificam, aperfeiçoam-se, criam recursos de sobrevivência.

É preciso um olhar para além dos efeitos do sofrimento e que encara-se estas vidas como potentes. Afirmo que não é apenas de tristeza que se faz a construção de vidas de homens gays que, mesmo com tanta violência, discriminação e homofobia ainda resistem, lutam e se posicionam contra o modelo hegemônico da heteronormatividade.

Em uma sociedade normativa, raramente temos possibilidades de conhecer histórias de amor entre homens gays, já que nessa sociedade estamos mais acostumados a nos defrontarmos com imagens caricaturais dos homens gays, em que muitas vezes elas passam pela sexualização dos corpos, pelo deboche e, ainda, pela associação marcada com as questões relacionadas à HIV e AIDS. É preciso olhar para como a imagem dos corpos gays são compartilhadas nas mídias, na publicidade e nos discursos. Então, este trabalho é, também, uma tentativa de trazer à tona uma outra dimensão presente no mundo, na vida, na experiência e no cotidiano destas pessoas que por viverem em uma sociedade normativa, passam a ter suas histórias limitadas ao acesso. Logo, esta dimensão é, em essência, a dimensão da construção de relações, da perda

delas e do modo como cada pessoa se inventa, na medida em que se relaciona com o amor e o fim do amor.

Neste trabalho, buscamos dar espaço às histórias em sua singularidade, com o objetivo de que as pessoas possam se aproximar com o que compõe estes sujeitos, suas experiências e relatos. Assim, buscamos destacar as singularidades de cada história narrada, em um movimento contrário ao agrupamento em categorização e à organização das falas em eixos temáticos. Este é, portanto, um texto que convida o/a leitor/a a expandir o campo do sensível, por meio da aproximação com histórias que pouco se ouvem.

Assim, ouvindo as histórias que compõem esse trabalho, identifico também como os espaços estão se moldando, em que **NÓS** buscamos atingir e ocupar novos endereços, ressignificar **NOSSAS** perdas e reivindicarmos **NOSSOS** lutos. **ESTAMOS** saindo, cada vez mais, de um lugar de passividade e assumindo o compromisso de ir além, de não **NOS** deixarmos limitar pelas expectativas sociais de que fossemos apagados e excluídos. Neste caminho, é preciso que a psicologia se posicione e assumo seu compromisso social de acolher e lutar pelos direitos das pessoas e das existências díspares, fazendo jus à uma ciência que rompa com a neutralidade e assumo que para além do enquadramento de uma imagem (vida) existem muitos elementos que compõem todo o quadro (existência): a margem também compõe a obra.

Só posso concluir essa trajetória recorrendo à João Guimarães Rosa (2014) afirmando que, mesmo de vez em quando, ela vem, mesmo dentre as perdas, o sofrimento, às frustrações e ao choque da realidade. Mesmo quando esperamos alcançar uma coisa e no caminho o que nos chega é exatamente o contrário. Mesmo assim ela se faz presente, ela vem, em meio à vida e às experimentações todas: a alegria. Sim, ela vem.

REFERÊNCIAS

- Azevedo, A. B. de.; Henz, A. de O.; Rodrigues, A. (2019) Pesquisar no lugar infame, obscuro e mudo In: R. Mendes; A. B. de Azevedo, M. F. P. Frutuoso. (Org.). *Pesquisar com os pés - deslocamentos no cuidado e na saúde*. (pp. 99-117). São Paulo: Hucitec Editora,
- Barbosa, A. (2016) *Fazer o luto*. Lisboa: Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
- Bowlby, J. (2004) *Perda: tristeza e depressão*. São Paulo: Martins Fontes.
- Brasil (2012). *Resolução n. 466/2012*. Ministério da Saúde: Conselho Nacional de Saúde.
- Brasil (2016). *Resolução n. 510/2016*. Ministério da Saúde: Conselho Nacional de Saúde.
- Bristowe, K.; Marshall, S.; Harding, R. (2016) The bereavement experiences of lesbian, gay, bisexual and/or trans* people who have lost a partner: A systematic review, thematic synthesis and modelling of the literature. *Palliative Medicine*, v. 30, n.8, p. 1-15.
- Butler, J. (2018) *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2019) *Vidas precárias: os poderes do luto e da violência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Casellato, G. (2005) Luto não reconhecido: um conceito a ser explorado. In G. Casellato (Org.) *Dor silenciosa ou dor silenciada? Perdas e lutos não reconhecidos por enlutados e sociedade*. (pp. 19-33). São Paulo: Livro Pleno.
- Casellato, G. (2015) Luto não reconhecido: o fracasso da empatia nos tempos modernos. In G. Casellato (Org.) *O resgate da empatia: suporte psicológico ao luto não reconhecido*. (pp. 15-28). São Paulo: Summus.
- Chizzotti, A. (2006) *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes.

- Corr, C. A. (1999) Enhancing the concept of disenfranchised grief. *Omega – Journal of Death and Dying*, v. 38, n.1, p. 1-20.
- Colasanti, M. (2020) *Mais longa vida*. Rio de Janeiro: Record.
- Costa, J. F. (1979) *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Creswell, J. W. (2007) *Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed.
- Deleuze, G.; Guattari, F. (2011) *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 1. São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, G. (1990) ¿Que és un dispositivo? In G. Deleuze. *Michel Foucault, filósofo* (pp. 155-161). Barcelona: Gedisa, 1990.
- Doka, K. J. (Editor) (2002) *Disenfranchised grief: new directions, challenges, and strategies for practice*. Champaign, IL: Research Press Publishers.
- Doka, K. J. (2008) Disenfranchised grief in historical and cultural perspective. In M. S. Stroebe, R. O. Hansson, H. Schut, W. Stroebe (Orgs.), *Handbook of bereavement research and practice: Advances in theory and intervention*. (pp. 223-240). Washington, DC, US: American Psychological Association.
- Doka, K. J. (1999) Disenfranchised grief. *Bereavement Care*, v. 18, n. 3, p. 37-39.
- Doka, K. J. (2022) Luto não reconhecido In Zilberman, A. B., Kroeff, R. F. da S., Gaitán, J. I. C. (Orgs.) *O processo psicológico do luto: teoria e prática*. (pp. 31-36). Curitiba: Editora CRV.
- Doka, K. (2016) *Grief is a journey*. New York: Atria books.

- Ducati, D. C. P. (2005) O luto pela separação nas relações amorosas. In G. Casellato (Org.), *Dor silenciosa ou dor silenciada? Perdas e lutos não reconhecidos por enlutados e sociedade*. (pp. 77-94). São Paulo: Livro Pleno.
- Ferreira, N. S. de A. (2002) As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. *Educação & Sociedade*, n. 79, p. 257-272.
- Foucault, M. (2014) *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola.
- Foucault, M. (2006) A vida dos homens infames In: Foucault, M. *Estratégia, poder-saber*. (pp. 203-222). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2020) *História da Sexualidade. Vol. 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Guerra.
- Franco, M. H. P. (2002) Uma mudança no paradigma sobre o enfoque da morte e do luto na contemporaneidade. In M. H. P. Franco (Org.) *Estudos avançados sobre o luto*. (pp. 15-38). São Paulo: Livro Pleno.
- Franco, M. H. P. (2010) Por que estudar o luto na atualidade? In M. H. P. Franco (Org.) *Formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade*. (pp. 17-42). São Paulo: Summus.
- Franco, M. H. P. (2021) *O luto no século 21 – uma compreensão abrangente do fenômeno*. São Paulo: Summus.
- Franco, M. H. P.; Tinoco, V. U.; Mazorra, L. (2017) Reflexões sobre os cuidados éticos na pesquisa com enlutados. *Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer*, v. 2, n. 3, p. 138-151.

- Grigoletto Netto, J. V. (2021) Considerações acerca da homossexualidade e o luto não reconhecido In G. Kreuz, J. V. Grigoletto Netto (Orgs.) *Múltiplos olhares sobre morte e luto: aspectos teóricos e práticos*. (pp. 183-190). Curitiba: CRV Editora.
- Grigoletto, Z. (2020) *Tempo de corredor*. Maringá: Viseu.
- Heilborn, M. L. (2004) *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Editora Garamond.
- hooks, b. (2020) *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante.
- Kovács, M. J. (2007) Perdas e processo de luto. In D. Incontrini; F.S. Santos (Orgs.) *A arte de morrer: visões plurais*. (pp. 217-238). Bragança Paulista, SP: Editora Comenius.
- Kovács, M. J. (2011) A morte em vida. In M.H.P. Franco, M.J. Kovács, M.M.M.J de. Carvalho, V.A.de. Carvalho (Orgs.), *Vida e Morte: laços da existência*. (pp. 11-33). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kübler-Ross, E. (2008) *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Martins Fontes.
- Kübler-Ross, E; Kessler, D. (2005) *On grief and grieving*. New York: Scribner.
- Lispector, C. (2016) Perdoando Deus In *Todos os contos*. (pp. 401-407). Rio de Janeiro: Rocco.
- Louro, G. L. (1997) *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Louro, G. L. (2004) *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. São Paulo: Autêntica.
- Luft, L. (2005) *Para não dizer adeus*. Rio de Janeiro: Record.

- Melo, R. A.; Perpétuo, C. L. (2017) Entrelaçando família e homossexualidades: aproximações que produzem territórios e identidades. In T. R. Vieira; V. S. G. Cardin; B. C. C. B. Brunini (Orgs.) *Famílias, Psicologia e Direito*. (pp. 277-287). Brasília-DF: Zakarewicz Editora.
- Minayo, M. C. S. (2009a) O desafio da pesquisa social. In M. C. S. Minayo (Org.), S. F. Deslandes, R. Gomes, *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. (pp. 61-77). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Minayo, M. C. S. (2009b) Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In M. C. S. Minayo (Org.), S. F. Deslandes, R. Gomes, *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. (pp. 61-77). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Moscheta, M. dos S. (2004) *Construindo a diferença: a intimidade conjugal em casais de homens homossexuais*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, FFCLRP - Departamento de Psicologia e Educação, Universidade de São Paulo.
- Moscheta, M. dos S. (2017) Essa não é mais uma canção de amor: o poliamor como desafio às formas hegemônicas de relacionamento. In T. R. Vieira, V. S. G. Cardin, B. C. C. B. Brunini (Orgs.) *Famílias, Psicologia e Direito*. (pp. 429-439). Brasília-DF: Zakarewicz Editora.
- Moscheta, M. dos S. (2021) Estéticas da destruição e a morte de pessoas LGBTQ no Brasil In G. Kreuz, J. V. Grigoletto Netto (Orgs.) *Múltiplos olhares sobre morte e luto: aspectos teóricos e práticos*. (pp. 165-182). Curitiba: CRV Editora.

- Patlamazoglou, L.; Simmonds, J. G.; Snell, T. L. (2017) Same-Sex Partner Bereavement: Non-HIV-Related Loss and New Research Directions. *OMEGA — Journal of Death and Dying*, v. 0, n. 0, p. 1-19.
- Parkes, C. M. (1995) Guidelines for conducting ethical bereavement research. *Death Studies*, v. 19, p. 171-181.
- Parkes, C. M. (1998) *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus.
- Parkes, C. M. (2009) *Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações*. São Paulo: Summus.
- Prado, A. (2019) *Bagagem*. Rio de Janeiro: Record.
- Preciado, P. (2022) *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Rodrigues, C. (2017) A função do luto na filosofia política de Judith Butler In: Correia, A.; Haddock-Lobo, R; Silva, C. V. da (Orgs.) *Deleuze, desconstrução e alteridade*. (pp. 329-339). São Paulo: ANPOF.
- Rodrigues, C. (2021) *O luto entre clínica e política: Judith Butler para além do gênero*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Rodrigues, C. (2020) Por uma filosofia política do luto. *O que nos faz pensar*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 46, p. 58-73, jan-jun.
- Rosa, J. G. (2019) *Primeiras histórias*. São Paulo: Global.
- Strauss, A.; Corbin, J. (2008) *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. Porto Alegre: Artmed.
- Stroebe, M.; Schut, H. (1999) The dual process model of coping with bereavement: rationale and description. *Death Studies*, v. 23, n. 3, p. 197-224.
- Stroebe, M.; Schut, H. (2016) Overload: A missing link in the Dual Process Model? *OMEGA - Journal of Death and Dying*, v. 74, n. 1, p. 96-109.

Telles, L. F. (1999) Os objetos In Telles, L. F. *Antes do baile verde: contos*. (pp. 11-17) Rio de Janeiro: Rocco.

Worden, J. W. *Grief counseling and grief therapy: a handbook for the mental health practitioner*. New York: Springer Publishing Company.

APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidada(o) a participar da Pesquisa de Mestrado intitulada “**A experiência da separação e do luto em casais de homens cisgêneros homossexuais**”. Tal pesquisa está sob a responsabilidade do pesquisador e orientador Prof.º Dr.º Murilo dos Santos Moscheta e do pesquisador assistente e acadêmico do curso de Pós-Graduação em Psicologia – nível Mestrado, Jose Valdeci Grigoletto Netto, ambos vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Este termo, elaborado em duas vias, deve ser lido, rubricado e assinado, para fins de declarar o seu livre consentimento na participação da pesquisa e consentimento para utilização das informações disponibilizadas. Uma via ficará em seu poder e a outra via em poder do pesquisador responsável.

I. A Pesquisa

Esta pesquisa tem como objetivo produzir sentidos acerca dos rompimentos de vínculos afetivos entre homens cisgêneros homossexuais e compreender como tais sentidos atravessam e afetam suas vivências sociais.

Ainda, estamos interessados em conhecer quais são os recursos, as dificuldades, as dúvidas e as vivências que as pessoas encontram durante seus processos de rompimentos.

II. Procedimentos

Essa pesquisa se divide em dois encontros entre o entrevistador e o entrevistado. O primeiro encontro ocorrerá em data, local e horário escolhido pelo entrevistado. Neste primeiro momento, será realizada uma entrevista aberta para a obtenção das informações, que será baseada em uma única questão norteadora: “**Como foi o término do relacionamento entre você e seu parceiro?**” e seguirá com a exploração de pontos pré-definidos, sendo eles: a possibilidade de falar com alguém sobre o rompimento, os reflexos da separação no ambiente familiar, bem como no ambiente de trabalho e/ou acadêmico, reflexos do término em si próprio, experiência subjetiva do processo de rompimento e crenças pessoais acerca do luto, dentre outros. Estima-se que a entrevista durará em média 02 (duas) horas.

O segundo encontro ocorrerá após a transcrição literal e integral das gravações e da realização de uma síntese compreensiva. O segundo encontro, que também ocorrerá em data, local e horário escolhido pelo entrevistado, objetiva possibilitar ao entrevistado um momento para que ele possa ler e, se for o caso, complementar, refazer, modificar suas respostas.

III. Riscos/Desconfortos e Benefícios

Possíveis riscos ou desconfortos serão evitados, mas caso aconteçam, todos os cuidados serão tomados para adequar o procedimento às suas necessidades, ou, interromper a pesquisa para atendê-lo. Os pesquisadores oferecerão a ajuda no que for necessário, sendo responsáveis pelo seu acompanhamento e assistência. No decorrer da pesquisa, todos os procedimentos serão esclarecidos antes de serem realizados.

Os benefícios esperados com essa pesquisa são: identificar e compreender o modo como os enlutados vivenciam sua experiência de luto, a maneira como esses enlutados usufruem de espaços sociais para o compartilhamento de seus sentimentos e emoções desencadeados por um rompimento afetivo-sexual e, quiçá, contribuir para a geração de recursos profissionais para a correta compreensão e acolhida de homens homossexuais enlutados pelo término de relações afetivas.

IV. Liberdades/Garantias

Você possui total liberdade para recusar-se a participar desta pesquisa ou para retirar o seu consentimento, a qualquer momento, sem penalização ou prejuízo ao seu cuidado. Você possui total liberdade de não responder às perguntas ou não participar de momentos que possam causar-lhe constrangimento de qualquer natureza.

V. Sigilo/Anonimato

A sua participação é sigilosa, ou seja, as informações prestadas são restritas ao desenvolvimento da pesquisa e, em hipótese alguma, sua participação na mesma será motivo de divulgação na mídia. Garantimos o sigilo das informações coletadas no que diz respeito a preservação de seu anonimato. Respeitamos a sua privacidade, mantendo em segredo as suas informações pessoais no decorrer da pesquisa e após a conclusão desta.

VI. Despesas/indenização

Esta pesquisa não resultará em despesas ou ônus para você. No caso de eventual despesa ou dano, assumiremos a responsabilidade de ressarcimento e/ou indenização.

VII. Publicação

Informamos que o resultado final da pesquisa poderá ser publicado em revistas da área e/ou em formato de livro, colaborando, assim, na construção do conhecimento teórico-científico e na melhoria na viabilização da gestão e assistência na área desta pesquisa.

CONSENTIMENTO

Eu, _____,

RG: _____, abaixo assinado, concordo em participar voluntariamente da Pesquisa de Mestrado, intitulada “**A experiência da separação e do luto em casais de homens homossexuais cisgêneros**” desenvolvida pelo acadêmico Jose Valdeci Grigoletto

Netto, sob a orientação do Prof.º Dr.º Murilo dos Santos Moscheta. Fui devidamente informada(o) e esclarecida(o) sobre os objetivos da pesquisa, seus procedimentos, assim como sobre os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, ainda, que () concordo / () não concordo com a publicação dos resultados desta pesquisa, ciente da garantia quanto ao sigilo das minhas informações pessoais e ao meu anonimato.

Local e data: _____, _____ de _____ de _____.

Assinatura da(o) participante da pesquisa

Eu, Jose Valdeci Grigoletto Netto, pesquisador assistente, obtive de forma voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do participante para sua participação na pesquisa.

Jose Valdeci Grigoletto Netto
Pesquisador Assistente

Em caso de dúvida:

Quaisquer dúvidas com relação à pesquisa poderão ser esclarecidas com os pesquisadores, conforme os contatos abaixo informados:

Nome: Murilo dos Santos Moscheta
Telefone: (44) 99991-1263
Email: murilomoscheta@me.com

Nome: Jose Valdeci Grigoletto Netto
Telefone: (44) 99996-0213
Email: josegrigoletto@outlook.com

Quaisquer dúvidas com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderão ser esclarecidas com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço abaixo:

Av. Colombo, 5790, PPG, sala 4, CEP 87020-900. Maringá-Pr. Fone: (44) 3011-4444, e-mail: copep@uem.br, site: <http://www.ppg.uem.br/index.php/etica-biosseguranca/copep>

APÊNDICE 2 – ROTEIRO DA ENTREVISTA

01 - Como foi o término do relacionamento entre você e seu parceiro?

02 - Exploração de pontos pré-definidos, sendo eles:

- A possibilidade de falar com alguém sobre o rompimento;
- Os reflexos da separação no ambiente familiar, bem como no ambiente de trabalho e/ou acadêmico;
- Reflexos do término em si próprio;
- Experiência subjetiva do processo de rompimento e crenças pessoais acerca do luto.



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A experiência da separação e do luto em casais de homens cisgêneros homossexuais

Pesquisador: Murilo dos Santos Moscheta

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 39463520.6.0000.0104

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Maringá

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.442.869

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de pesquisa proposto por pesquisador vinculado à Universidade Estadual de Maringá.

Objetivo da Pesquisa:

Esse trabalho possui como objetivo produzir sentidos acerca dos rompimentos de vínculos afetivos entre homens cisgêneros homossexuais e compreender como tais sentidos atravessam e afetam suas vivências sociais, questionando quais são os espaços possíveis de acolhimento e escuta que possuem ou não. Tal objetivo se justifica na medida em que os homens gays vivem em uma sociedade heteronormativa que busca calar suas vozes por “fugirem” à normalidade heterossexual socialmente construída.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Avalia-se que os possíveis riscos a que estarão submetidos os sujeitos da pesquisa serão suportados pelos benefícios apontados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Os critérios para inclusão na pesquisa consiste em: 1.Ter concordado em participar da pesquisa, a partir da leitura e assinatura do TCLE;2.Ser do sexo masculino;3.Ter mais de dezoito anos de idade;4.Reconhecer-se enquanto homossexual e cisgênero e;5.Ter vivenciado um rompimento de relacionamento afetivo-sexual com duração mínima de três meses. Os critérios de exclusão são: 1.

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4

Bairro: Jardim Universitário

CEP: 87.020-900

UF: PR

Município: MARINGÁ

Telefone: (44)3011-4597

Fax: (44)3011-4444

E-mail: copep@uem.br



Continuação do Parecer: 4.442.869

Romperam o relacionamento há menos de 01 mês; 2. Estejam no momento da pesquisa, em outra relação afetivo-sexual; 3. Relatem tentativa de suicídio desencadeada pelo término do relacionamento, ou demonstrem vivenciar crise intensa devido ao rompimento da relação afetiva. Essa pesquisa se divide em dois encontros entre o entrevistador e o entrevistado. O primeiro encontro ocorrerá em data, local e horário escolhido pelo entrevistado. Neste primeiro momento, será realizada uma entrevista aberta para a obtenção das informações, que será baseada em uma única questão norteadora: "Como foi o término do relacionamento entre você e seu parceiro?" e seguirá com a exploração de pontos pré-definidos, sendo eles: a possibilidade de falar com alguém sobre o rompimento, os reflexos da separação no ambiente familiar, bem como no ambiente de trabalho e/ou acadêmico, reflexos do término em si próprio, experiência subjetiva do processo de rompimento e crenças pessoais acerca do luto, dentre outros. Estima-se que a entrevista durará em média 02 (duas) horas. O segundo encontro ocorrerá após a transcrição literal e integral das gravações e da realização de uma síntese compreensiva. O segundo encontro, que também ocorrerá em data, local e horário escolhido pelo entrevistado, objetiva possibilitar ao entrevistado um momento para que ele possa ler e, se for o caso, complementar, refazer, modificar suas respostas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta Folha de Rosto devidamente preenchida e assinada pelo responsável institucional. O cronograma de execução é compatível com a proposta enviada. Descreve gastos sob a responsabilidade do pesquisador. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido contempla as garantias mínimas preconizadas.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá é de parecer favorável à aprovação do protocolo de pesquisa apresentado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Face ao exposto e considerando a normativa ética vigente, este Comitê se manifesta pela aprovação do protocolo de pesquisa em tela. Alerta-se a respeito da necessidade de apresentação de relatório final no prazo de 30 dias após o término do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
----------------	---------	----------	-------	----------

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4
Bairro: Jardim Universitário **CEP:** 87.020-900
UF: PR **Município:** MARINGÁ
Telefone: (44)3011-4597 **Fax:** (44)3011-4444 **E-mail:** copep@uem.br



Continuação do Parecer: 4.442.869

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1640939.pdf	23/10/2020 10:46:03		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Justificativa.docx	23/10/2020 10:45:50	Jose Valdeci Grigoletto Netto	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	23/10/2020 10:44:48	Jose Valdeci Grigoletto Netto	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado.pdf	16/10/2020 17:55:38	Jose Valdeci Grigoletto Netto	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	16/10/2020 17:54:12	Jose Valdeci Grigoletto Netto	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MARINGÁ, 07 de Dezembro de 2020

Assinado por:
Ricardo Cesar Gardiolo
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4

Bairro: Jardim Universitário

CEP: 87.020-900

UF: PR

Município: MARINGÁ

Telefone: (44)3011-4597

Fax: (44)3011-4444

E-mail: copep@uem.br